

galeria

nara roesler

sp-arte/2014
brasília

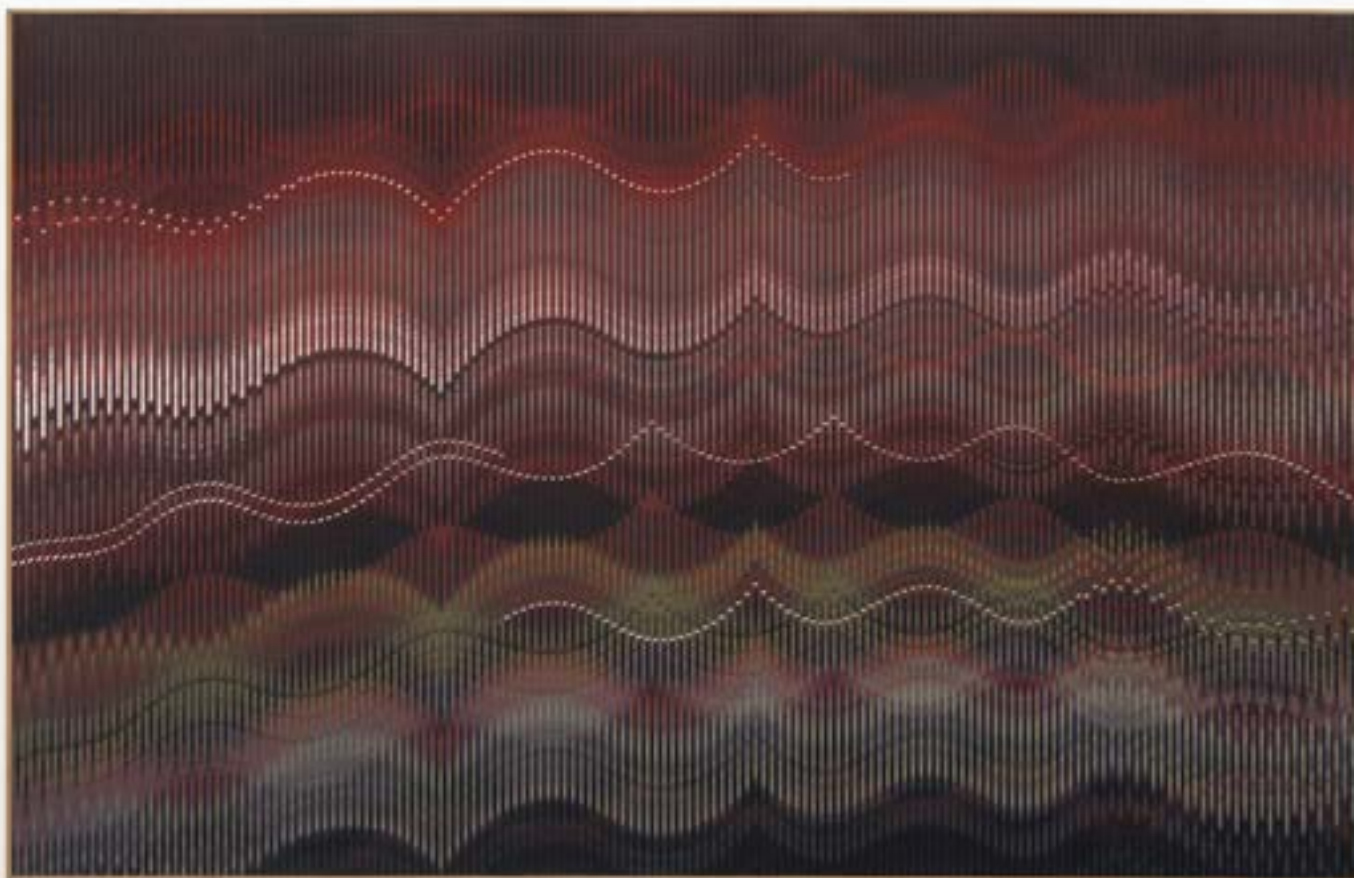
stand / booth B01

artistas/artists

abraham palatnik
angelo venosa
antonio dias
brígida baltar
bruno dunley
cao guimarães
carlito carvalhosa
cristina canale
eduardo coimbra
josé patrício
julio le parc
karin lambrecht
laura vinci
lucia koch
marco maggi
marcos chaves
raul mourão
rodolpho parigi
sérgio sister
tomie ohtake
vik muniz

www.nararoesler.com.br





Abraham Palatnik
W- 497 2014
acrílica sobre madeira/acrylic on wood
109 x 170,3 cm



Abraham Palatnik é um pioneiro da arte cinética, juntamente com Julio Le Parc, Carlos Cruz-Diez e Jesús Rafael Soto. Suas investigações nos campos da tecnologia, mobilidade e luz levaram a entendimentos inovadores dos fenômenos visuais, marcando a passagem entre arte moderna e contemporânea no Brasil. A inventividade dos seus trabalhos não apresenta paralelos nas suas experimentações com movimentos superficiais, aparatos cinéticos e relevos, ou no seu design de móveis.

Sua primeira máquina cinecromática, *Azul e roxo em primeiro movimento*, causou um impacto profundo na discussão sobre suportes entre o júri de seleção da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951. Ao invés de pintura ou escultura, Palatnik apresentou uma “pintura cinética ou máquina de pintar”, como costumava chamá-las, nas quais tecidos sintéticos, motores, luzes e a integração do espectador com o ambiente eram usados como elementos estruturais. Levando Mario Pedrosa a cunhar um novo termo em arte: cinecromático, essa foi a primeira tentativa, no Brasil, de criar uma arte utópica do futuro. Influenciado pela força da linguagem usada em trabalhos produzidos por pacientes hospitalares, o artista começou a investigar as possibilidades artísticas de uma nova técnica baseada no uso da luz e do movimento em um tempo-espço pictórico com a ajuda das mais recentes tecnologias.

Ao longo dos anos, Palatnik criou mais de 33 aparelhos cinecromáticos expostos em sete edições da Bienal de São Paulo, de 1951 a 1963, bem como na Bienal de Veneza (1964) e na Bienal de Córdoba (1966). Com seus aparelhos cinecromáticos, o artista previu a corrente construtivista que emergiria com a criação do Grupo Ruptura (São Paulo, 1952) e do Grupo Frente (Rio de Janeiro, 1954) e que se estabeleceria com o Concretismo (1956) e o Neoconcretismo (1969). Palatnik nasceu em 1928, em Natal. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou de oito edições da Bienal de São Paulo, Brasil (entre 1951 e 1969), além da 32ª Bienal de Veneza, Itália (1964), ao lado de Mavignier, Volpi e Weissmann, entre outros. Suas obras integram acervos de instituições como: Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil; MoMA, Nova York, EUA; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique, Bruxelas, Bélgica; entre outras.

Abraham Palatnik is a pioneer of kinetic art, alongside Julio Le Parc, Carlos Cruz-Diez, and Jesus Soto. His investigations into technology, mobility, and light led to a groundbreaking understanding of visual phenomena, marking a passage between modern and contemporary art in Brazil. The inventiveness of his works remains unparalleled — be it through experimentations on surface movement, kinetic apparatuses, reliefs and even furniture design.

His first kinechromatic machine, *Azul e roxo em primeiro movimento*, had a profound impact on the discussion of art materials by the selection jury of the 1st São Paulo Biennial, in 1951. Instead of painting or sculpture, he presented a “kinetic painting or painting machine,” as he liked to call them — in which synthetic fabrics, motors, lights, and the spectator’s integration with the environment were used as structural elements. Causing Mario Pedrosa to coin a new term in art: kinechromatic, it was the first attempt, in Brazil, to create a utopian art of the future. In the late 1950s, Palatnik came in touch with Pedrosa and the D. Pedro I Psychiatric Hospital. Impacted by the potency of the language used in works produced by inpatients, from then on, the artist set out to investigate the artistic possibilities of a new technique, based on the use of light and movement in the pictorial time-space with the aid of the latest technologies.

Over the years, Palatnik has created more than 33 kinechromatic devices exhibited in seven editions of the São Paulo Biennial — from 1951 to 1963 —, as well as in the Venice (1964) and Córdoba (1966) biennials. With his kinechromatic devices, the artist anticipated the constructive current — which emerged with the creation of Grupo Ruptura (São Paulo, 1952) and Grupo Frente (Rio de Janeiro, 1954) and established itself with Concretism (1956) and Neo-Concretism (1969). Palatnik was born in 1928 in Natal. He lives and works in Rio de Janeiro. He featured in eight editions of the São Paulo Biennial, Brazil (between 1951 and 1969), and in the 32nd Venice Biennale (1964), alongside Mavignier, Volpi, and Weissmann, among others. His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea da USP; Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, all in Brazil; as well as the collections of MoMA, New York, USA; Museo de Arte Latinoamericano in Buenos Aires, Argentina; Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique, in Brussels, Belgium, among others.



Alberto Baraya

Estudos comparados modernistas: Catedral - Brasília & Escoba seca 2010-2011
fotografia, impressão jato de tinta sobre papel de algodão/
photograph, inkjet print on cotton paper
ed PA 1 -- 62.7 x 86.7 cm

Estudos comparados modernistas: Athos Bulcão - Brasília & Phalenopsis 2010-2011
fotografia, impressão jato de tinta sobre papel de algodão/
photograph, inkjet print on cotton paper
ed PA 1 -- 60 x 84 cm

Estudos comparados modernistas: Quadra 1-A apartamentos palmera - Brasília & Phalenopsis 2010-2011
fotografia, impressão jato de tinta sobre papel de algodão/
photograph, inkjet print on cotton paper
ed PA 1 -- 37.7 x 51.7 cm

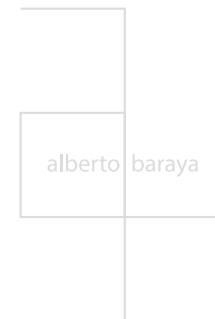


Alberto Baraya

Estudos comparados modernistas: Três poderes - Brasília & Bouquet 2010-2011
fotografia, impressão jato de tinta sobre papel de algodão/
photograph, inkjet print on cotton paper
ed PA 1 -- 22.5 x 30.7 cm

Estudos comparados modernistas: Edifícios Avenida - Brasília & Cymbidium 2010-2011
fotografia, impressão jato de tinta sobre papel de algodão/
photograph, inkjet print on cotton paper
ed PA 1 -- 20 x 28 cm

Estudos comparados modernistas: Cozinhas residenciais 1A - Brasília & Phalenopsis 2010-2011
fotografia, impressão jato de tinta sobre papel de algodão/
photograph, inkjet print on cotton paper
ed PA 1 -- 20 x 28 cm



Alberto Baraya trabalha com vídeos, esculturas e instalações para criar obras que reproduzem as práticas do viajante contemporâneo. Trabalhos como *Fábula de los pájaros*, que recebeu menção honrosa na 11ª Bienal de Cuenca, *Testigos inhábiles* e *El río* são baseados na história da Colômbia e criticam as construções narrativas de nacionalidade.

Sua série mais conhecida até hoje, *Herbario de plantas artificiales* (2009-presente), condensa muitas das preocupações que mobilizam o artista. Usando o ato repetitivo de documentar plantas e flores falsas, o artista aborda questões como as motivações por trás da racionalidade científica e da lógica taxonômica e os processos de mistificação e artificialidade das expedições antropológicas a terras desconhecidas do século XIX.

Alberto Baraya nasceu em 1968 em Bogotá, Colômbia, onde vive e trabalha. Participou de bienais, tais como a 9ª Bienal de Xangai, China (2012); a 11ª Bienal de Cuenca, Equador (2011); a 53ª Bienal de Veneza, Itália (2009); a 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); a 1ª Bienal de Medellín, Colômbia (1997); a Bienal do Caribe em Santo Domingo, República Dominicana (2003); e a 4ª Bienal de Bogotá, Colômbia (1994). Seus trabalhos estiveram presentes em exposições individuais internacionais, tais como *Naturalism/artificiality: expeditions and research of the herbarium of artificial plants* (Frost Art Museum, Miami, EUA, 2013); *Expediciones pacíficas* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Expedition Bogotá-Indianapolis*, com Danielle Riede, (Indianapolis Museum of Contemporary Art, Indianapolis, EUA, 2011); e *Herbario de plantas artificiales* (Museo de Arte Moderno La Tertulia, Cali, Colômbia, 2004). Participou de importantes exposições coletivas, como *Disrupted nature* (Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2013); *El Cazador y la fábrica* (Fundación/ Colección Jumex, México DF, México, 2013); *Botánica: after Humboldt* (Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, Espanha, 2012); *Play with me* (Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2012). Seus trabalhos podem ser vistos nas coleções públicas do Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA; Tamarind Institute, Albuquerque, EUA; United States Information Agency, EUA; Banco de la República, Bogotá, Colômbia; Museo de Arte de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colômbia; e Instituto de la Juventud, Madri, Espanha.

Alberto Baraya works with video, sculpture, and installation to create works that mimic the practices of the contemporary voyager. Works like *Fabula de los pájaros*, awarded honorable mention at the 11th Cuenca Biennial, *Testigos inhábiles*, and *El río*, are rooted in the history of Colombia and serve as critiques towards narrative constructions of nationhood.

His best-known series to date, *Herbario de plantas artificiales* (2009 – present) condenses many of the concerns within his practice. Consisting of the repetitive act of documenting fake plants and flowers, the artist raises issues, such as the motivations behind scientific rationality and taxonomic agendas and the processes of mystification and artificiality within anthropological expeditions of new land in the 19th c.

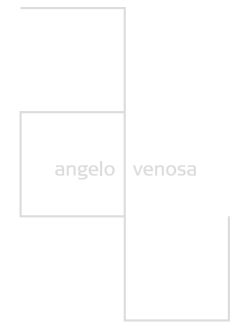
Alberto Baraya was born in 1968 in Bogotá, Colombia, where he lives and works. He featured in biennials such as the 9th Shanghai Biennial, China (2012); the 11th Cuenca Biennial, Ecuador (2011); the 53rd Venice Biennale, Italy (2009); the 27th São Paulo Biennial, Brazil (2006); the 1st Medellín Biennial, Colombia (1997); the Biennial of the Caribbean in Santo Domingo, Dominican Republic (2003); and the 4th Bogotá Biennial, Colombia (1994). His works have featured in international solo shows such as *Naturalism/artificiality: expeditions and research of the Herbarium of Artificial Plants* (Frost Art Museum, Miami, USA, 2013); *Expediciones pacíficas* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Expedition Bogotá-Indianapolis*, with Danielle Riede, (Indianapolis Museum of Contemporary Art, Indianapolis, USA, 2011); and *Herbario de plantas artificiales* (Museo de Arte Moderno La Tertulia, Cali, Colombia, 2004). He has participated in important group shows such as *Disrupted nature* (Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2013); *El Cazador y la fábrica* (Fundación/ Colección Jumex, Mexico DF, Mexico, 2013); *Botánica: after Humboldt* (Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, Spain, 2012); *Play with me* (Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2012). His works can be found in the public collections of the Museum of Latin American Art, Long Beach, USA; Tamarind Institute, Albuquerque, USA; United States Information Agency, USA; Banco de la República, Bogotá, Colombia; Museo de Arte de la Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colombia, and Instituto de la Juventud, Madrid, Spain.



Angelo Venosa
sem título/untitled 2012
aço corten/weathering steel
ed 2/3 + 1PA -- 174 x 32 x 27 cm



Angelo Venosa
sem título/untitled 2013
acrílico/acrylic
ed 3/3 + 2 PA -- 160 x 49 x 49 cm



Angelo Venosa é uma das poucas exceções da chamada *Geração 80* que se dedica exclusivamente à escultura, ao invés da pintura. Como parte de uma nova geração que se rebelou contra a tradição do formalismo no Brasil, sua obra é uma mistura de materiais, gêneros e movimentos históricos, resultando em figuras e formas de estruturas ósseas de animais, reais e imaginários.

Juntamente com Daniel Senise (1955-), Luiz Pizarro (1958-) e João Magalhães (1945-), formou o *Ateliê da Lapa* entre 1984 e 1990. Durante esse período, produziu suas primeiras obras tridimensionais. A partir do início da década de 1990, o artista passou a usar materiais, como mármore, cera, chumbo e dentes de animais, executando trabalhos que remetem a estruturas anatômicas, como vértebras e ossos. Suas esculturas e objetos carregam referências a eras ancestrais e surpreendem pela sua estranheza e natureza perturbadora.

Venosa participou da 19ª Bienal de São Paulo (1987), 45ª Bienal de Veneza (1993) e 5ª Bienal do Mercosul (2005). Em 2012, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro o homenageou com uma importante mostra individual para comemorar os 30 anos de sua trajetória artística. Essa mesma exposição foi posteriormente exibida na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em abril de 2013, quando foi lançada uma publicação de suas obras, e seguindo, em 2014, para o Palácio das Artes, em Belo Horizonte e para o MAMAM – Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, em Recife. Mostras coletivas recentes incluem: *Experimentando Espaços* (Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brasil, 2014); *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *O tridimensional no acervo do MAC: uma antologia* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Desenho esquema esboço bosquejo projeto debuxo ou o desenho como forma de pensamento* (Gabinete do Desenho, São Paulo, Brasil, 2013); *Experiências contemporâneas* (Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, Brasília, Brasil, 2009); *Da visualidade ao conceito 80-90: modernos, pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007).

Angelo Venosa is one of the few exceptions in what has been termed *Geração 80* who is dedicated exclusively to sculpture rather than painting. Part of a young generation that revolted against the tradition of formalism in Brazil, his works are a mix of materials, genres, and historical movements, resulting in skeletal figures that reference the bones of animals, real and imaginary.

Together with Daniel Senise (1955-), Luiz Pizarro (1958-) and João Magalhães (1945-), he formed the *Ateliê da Lapa* between 1984 and 1990. During this period, he produced his first three-dimensional works. From the start of the 1990s onwards, the artist has used materials such as marble, wax, lead and animal teeth, producing works that recall anatomical structures, such as vertebrae and bones. His sculptures and objects carry signs that refer to ancestral eras, surprising in their strangeness and disturbing character.

Venosa participated of the 19th São Paulo Biennial (1987), the 45th Venice Biennale (1993); and the 5th Mercosul Biennial (2005). In 2012, the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro granted him a major solo show to celebrate 30 years of artistic career. This same exhibition later followed to Pinacoteca do Estado de São Paulo (April 2013), where a publication on his works was launched. In 2014, this same individual travels to the Palácio das Artes, in Belo Horizonte and later to MAMAM – Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, in Recife. Recent group shows include: *Experimentando Espaços* (Museu da Casa Brasileira, São Paulo, Brazil, 2014); *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *O tridimensional no acervo do MAC: uma antologia* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Desenho esquema esboço bosquejo projeto debuxo ou desenho como forma de pensamento* (Gabinete do Desenho, São Paulo, Brazil, 2013); *Experiências contemporâneas* (Espaço Cultural Marcantonio Vilaça, Brasília, Brazil, 2009); *Da visualidade ao conceito 80-90: modernos, pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007).



Antonio Dias
sem título/untitled 2014
acrílica, óxido de ferro, folha de ouro e cobre sobre tela/
acrylic, iron oxide, gold and copper leaves on canvas
120 x 210 x 5 cm



No início da carreira de Antonio Dias, na década de 1960, sua obra era constituída de vinhetas políticas sardônicas na forma de esculturas moles, desenhos e montagens pertencentes ao neofigurativismo e à Pop Art brasileira. Sua abordagem divertida e subversiva de erotismo, sexo e opressão política o levou a desenvolver uma obra singular e conceitual repleta de elegância formal, mas entrelaçada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte.

Em 1966, em meio ao golpe militar brasileiro, Dias deixou o Brasil rumo a Europa. Na década de 1970, estabeleceu-se em Milão e desenvolveu uma forte tendência a trabalhos conceituais, como a série "The Illustration of Art". No final da década de 60, a participação do público se tornou uma preocupação cada vez mais pungente, como na instalação de 1968, "Do it Yourself: Freedom Territory" e "The invented country (God-will-give days)", exibida na 29ª Bienal de São Paulo, em 2010, tendo o último sido adquirido em 2012 pelo MoMA. Em 1977, após uma viagem ao Nepal, o trabalho de Antonio Dias tomou um novo rumo. O que começou como uma viagem para pesquisar diferentes tipos de papel, transformou-se em uma série de colaborações com fabricantes de papel locais de Barabashi, resultando em trabalhos como "Chapati for Seven Days" (1977) e "Niranjaniakhar" (1977). Durante a década de 1980, o artista voltou sua atenção mais uma vez para a pintura, fazendo experimentos com pigmentos metálicos e minerais, tais como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite, misturando-os com uma variedade de agentes aglutinantes.

Antonio Dias nasceu em 1944 em Campina Grande, Paraíba. Vive e trabalha entre Rio de Janeiro e Milão. Seus trabalhos fazem parte de importantes coleções internacionais, tais como: MoMA, Nova York, EUA; Ludwig Museum, Colônia, Alemanha; Daros Collection, Zurique, Suíça; Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munique, Alemanha; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; e Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Itália, e renomadas coleções nacionais, tais como: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; e Museu de Arte Contemporânea de Niterói/ Coleção Sattamini, Niterói.

Antonio Dias' early career, back in the 1960s, consisted of sardonic political vignettes in the form of soft sculptures, drawings, and assemblages belonging to Neo-Figurativism and Brazilian Pop Art. His playful and subversive approach towards eroticism, sex, and political oppression, engendered him to construct a singular and conceptual oeuvre in his art replete with formal elegance interwoven with political issues and poignant critiques relating to the system of art.

In 1966, in the midst of the military coup in Brazil, Dias left Brazil for Europe, later settling in Milan in the 1970s. The year 1966 saw a stronger trend of conceptual artwork, such as "The Illustration of Art" series. In the end of the 1960s, audience participation became an increasing concern for the artist, as in the 1968 installation "Do it yourself: Freedom Territory" and "The Invented Country (God-Will-Give-Days)", featured in the 29th Bienal de São Paulo, in 2010, the latter acquired by MoMA in 2012. In 1977, following a trip to Nepal, the artist's work took a new direction. What began as a voyage to research different types of paper, developed into a series of collaborations with native papermakers of Barabashi, resulting in works such as "Chapati for Seven Days" (1977) and "Niranjaniakhar" (1977). During the 1980s, Dias turned his attention once again to painting, experimenting with metallic and mineral pigments, such as gold, copper, iron oxide and graphite, mixing them with a variety of binding agents.

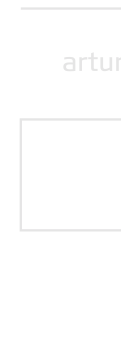
Antonio Dias was born in 1944 in Campina Grande, Paraíba. He lives and works between Rio de Janeiro and Milan. His works can be found in important international collections such as: MoMA, New York, USA; Ludwig Museum, Cologne, Germany; Daros Collection, Zurich, Switzerland; Städtische Galerie im Lenbachhaus, Munich, Germany; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; and Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Italy and renowned Brazilian collections which include: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; Itaú Cultural, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife; and Museu de Arte Contemporânea de Niterói / Coleção Sattamini, Niterói.

Artur Lescher
**sem título # 02 da série Zu/
untitled # 02 from the series Zu** 2013
madeira, latão e cabo de aço/wood, brass, and steel cables
ed 3/5 + 2 PAs -- 220 x 25 cm





Artur Lescher
Phoenix # 03 2014
alumínio anodizado/anodized aluminum
ed PA (edição de 15 + PA)
16 x ø 12 cm / 16 x ø 5 cm



As esculturas de Artur Lescher procuram situações espaciais em que passem despercebidas, como intervenções sutis. O artista prefere objetos de uma só peça, suspensos e sujeitos à força da gravidade, criando uma tensão e uma relação entre o trabalho e o espaço ao seu redor. Usando materiais diversos, tais como metal, madeira, bronze e cobre, ele evoca volumes e formas familiares, mas subtraídos de sua função habitual.

Lescher ganhou reconhecimento após ter participado da 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, na qual apresentou *Aerólitos*, um trabalho composto de dois balões de 11 metros de comprimento, um no pavilhão da Bienal e outro colocado na área externa, em diálogo. Em 2002, criou *Indoor Landscape* para a 25ª Bienal de São Paulo, dois módulos de formato regular instalados no chão, um feito de madeira e o outro de lona e água, criando um espaço de atrito dentro do prédio projetado por Oscar Niemeyer. Recentemente, em 2013, participou do projeto Octógono com *Inabsênci*a: uma cúpula gigantesca, que descendia do teto do átrio, dialogando com o projeto inicial de Ramos de Azevedo, autor do prédio construído em 1905.

Nascido em 1962 em São Paulo, onde atualmente vive e trabalha, Artur Lescher participou das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da Bienal do Mercosul de 2005, em Porto Alegre, Brasil. Mostras coletivas recentes incluem: *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Paisagem incompleta* (Centro Cultural da Usiminas, Ipatinga, Brasil, 2010); *Memorial revisitado — 20 anos* (Memorial da América Latina, São Paulo, Brasil, 2009); *Quase líquido* (Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, 2008); e *80/90 modernos, pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Algumas das suas mostras individuais incluem: *Pensamento pantográfico* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Inabsênci*a (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012); *Galeria del paseo* (Punta del Este, Uruguai, 2012); e *Rio máquina* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2010). Seus trabalhos estão incluídos em importantes coleções, tais como na Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; no Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; no Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; no Museum of Fine Arts, Houston, EUA; e no Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, EUA.

Artur Lescher's sculptures have always sought spatial situations where they intend to pass unnoticed as subtle interventions. His preference is for one-piece objects, suspended and subject to the force of gravity, creating a tension and relation between the work and the space around it. Using different materials such as metal, stone, wood, brass and copper, he evokes familiar volumes and designs but removed of their usual function.

Lescher gained recognition after participating in the 19th São Paulo Biennial, in 1987, in which he presented *Aerólitos*, a work consisting of two 11-meter-long balloons, one in the biennial pavilion and the other in an external area, which converse with one another. In 2002, he created *Indoor Landscape* for the 25th São Paulo Biennial, comprising two regular-shaped modules set on the floor, one made of wood and the other made of tarpaulin and water, which create a space of attrition inside the building designed by Oscar Niemeyer. Recently in 2013, Lescher participated of projeto Octógono with *Inabsênci*a: an enormous dome descending from the atrium's ceiling, which dialogued with the initial Project of Ramos de Azevedo, architect of the building constructed in 1905.

Born in 1962 in São Paulo, where he lives and works, Artur Lescher participated in the 1987 and 2002 editions of the São Paulo Biennial and in the 2005 Mercosul Biennial, in Porto Alegre, all in Brazil. Recent group shows include: *Circuitos cruzados* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Paisagem incompleta* (Centro Cultural da Usiminas, Ipatinga, Brazil, 2010); *Memorial revisitado — 20 anos* (Memorial da América Latina, São Paulo, Brazil, 2009); *Quase líquido* (Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, 2008); and *80/90 modernos pós-modernos, etc.* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). Recent solo shows include: *Pensamento pantográfico* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Inabsênci*a (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012); *Galeria del paseo* (Punta del Este, Uruguay, 2012); and *Rio máquina* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2010). His works are included in major collections which include the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Museum of Fine Arts, Houston, USA; and Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, USA.

Brígida Baltar
sem título / Série Flores # 6 2007
pó de tijolo sobre papel/brick dust on paper
30 x 12 cm





Brígida Baltar
Renda cobogó 2012
pó de tijolo moldado com resina e molde de silicone e
caixa de madeira/brick dust molded with resin, silicone
mold, wooden box
40 x 27 cm



Brígida Baltar começou a desenvolver sua obra na década de 1990 por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê localizada em Botafogo, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, a artista colecionou materiais da vida doméstica, como a água de goteiras escorrendo de pequenas rachaduras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes.

Em *Abrigo* (1996), a artista esculpiu sua própria silhueta em uma parede de sua casa e, ao entrar nesse casulo, transformou a situação em uma intersecção simbiótica, tornando-se parte inextricável da casa na qual habitava. As ações domésticas foram, subsequentemente, expandidas para o espaço da rua, originando obras tais como a série *Coletas*, orvalho e água do mar evaporada, uma tarefa conscientemente inexequível de captar o intangível. Em 2005, antes de se mudar de casa permanentemente, Baltar juntou e levou consigo grandes quantidades de poeira fina coletada dos tijolos de barro firme. A poeira foi usada em trabalhos posteriores, resultando em desenhos de montanhas e florestas cariocas que, pelo fato de terem sido feitos com a poeira da casa na qual morava, são a afirmação de uma morada coletiva, e não descrições precisas de elevações do terreno e áreas florestadas. Ao invés de serem meramente desenhos com elementos naturais, a obra de Baltar sugere um espaço íntimo.

Brígida Baltar nasceu em 1959 no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 25ª Bienal de São Paulo (2002); 17ª Bienal de Cerveira, em Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of Things — Biennial of the Americas*, em Denver, EUA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) e a 5ª Bienal de Havana, Cuba (1994). Entre as suas exposições internacionais encontram-se: *Cruzamentos: Contemporary art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA, 2014); *SAM Art Project* (Paris, França, 2012); *The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America* (Middlesbrough Institute of Modern Art, Inglaterra, 2011; Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colômbia, 2012); e *Constructing views: experimental film and video from Brazil* (New Museum, Nova York, EUA, 2010). Seus trabalhos estão presentes nas coleções: Colección Isabel y Agustín Coppel, México D.F., México; Museum of Contemporary Art, Cleveland, EUA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, Inglaterra; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; entre outras.

Brígida Baltar began to develop her work in the 1990s, through small poetic gestures that took place around her home and studio, located in Botafogo, a borough in the south side of Rio de Janeiro. For nearly ten years, she gathered household substances such as raindrops percolating through subtle cracks in roofs, or reddish brown dust from clay bricks adorning her walls.

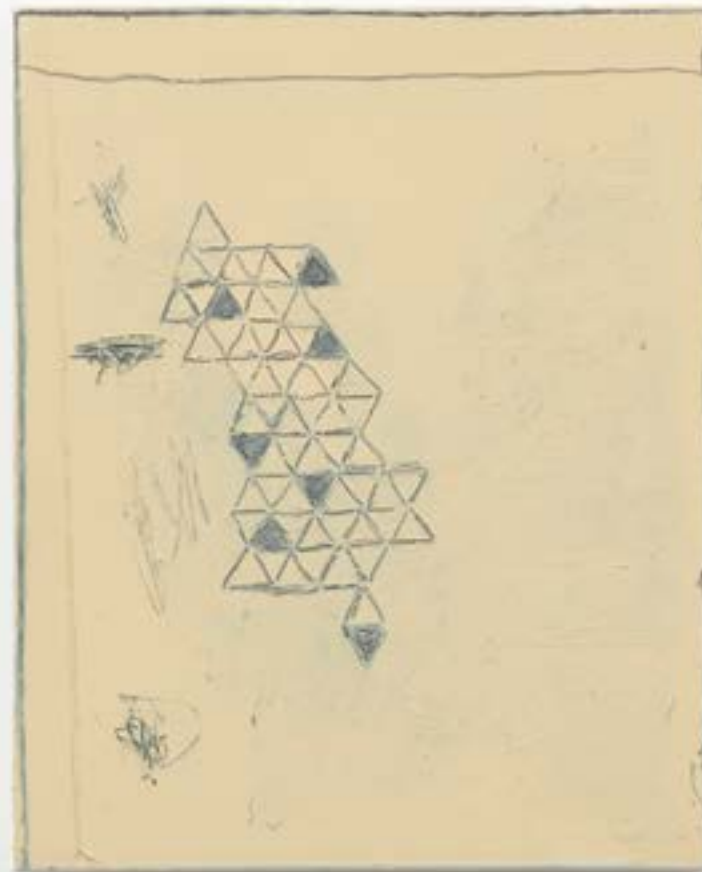
In *Abrigo*, (1996), the artist carves her own silhouette into a wall in her home, and then enters this cocoon, transforming the situation into a symbiotic crossover; making her inextricable to the house she inhabits. These household actions were subsequently extended to the space of the street, giving way to bodies of work such as *Coletas* — dew and evaporated seawater —, in a knowingly unfeasible endeavor to capture the intangible. In 2005, before permanently moving from her house, Baltar gathered and carried with her large amounts of fine dust from those hard clay bricks, to later employ as materials in her subsequent works. These resulted in drawings of mountains and forests of Rio de Janeiro which, because they were made with brick dust from the house in which she lived, are more the affirmation of a collectively inhabited place, than accurate descriptions of terrain elevations and wooded areas. Rather than observational landscape drawings, Baltar's works come together to suggest an intimate space.

Brígida Baltar was born in 1959 in Rio de Janeiro, where she lives and works. Biennials include the 25th São Paulo Biennial (2002); The 17th Cerveira Biennial, in Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things — Biennial of the Americas*, in Denver, USA (2010); *Panorama de arte brasileira* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2007) and the 5th Havana Biennial, Cuba (1994). Selected international exhibitions include: *Cruzamentos: Contemporary art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA, 2014); *SAM Art Project* (Paris, France, 2012); *The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America* (Middlesbrough Institute of Modern Art, England, 2011; Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colombia, 2012); and *Constructing views: experimental film and video from Brazil* (New Museum, New York, USA, 2010). Her works integrate collections such as: Colección Isabel y Agustín Coppel, Mexico D.F., Mexico; Museum of Contemporary Art, Cleveland, USA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, England; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; among others.

Bruno Dunley
sem título/untitled 2013
óleo sobre tela/oil on canvas
40 x 30 cm



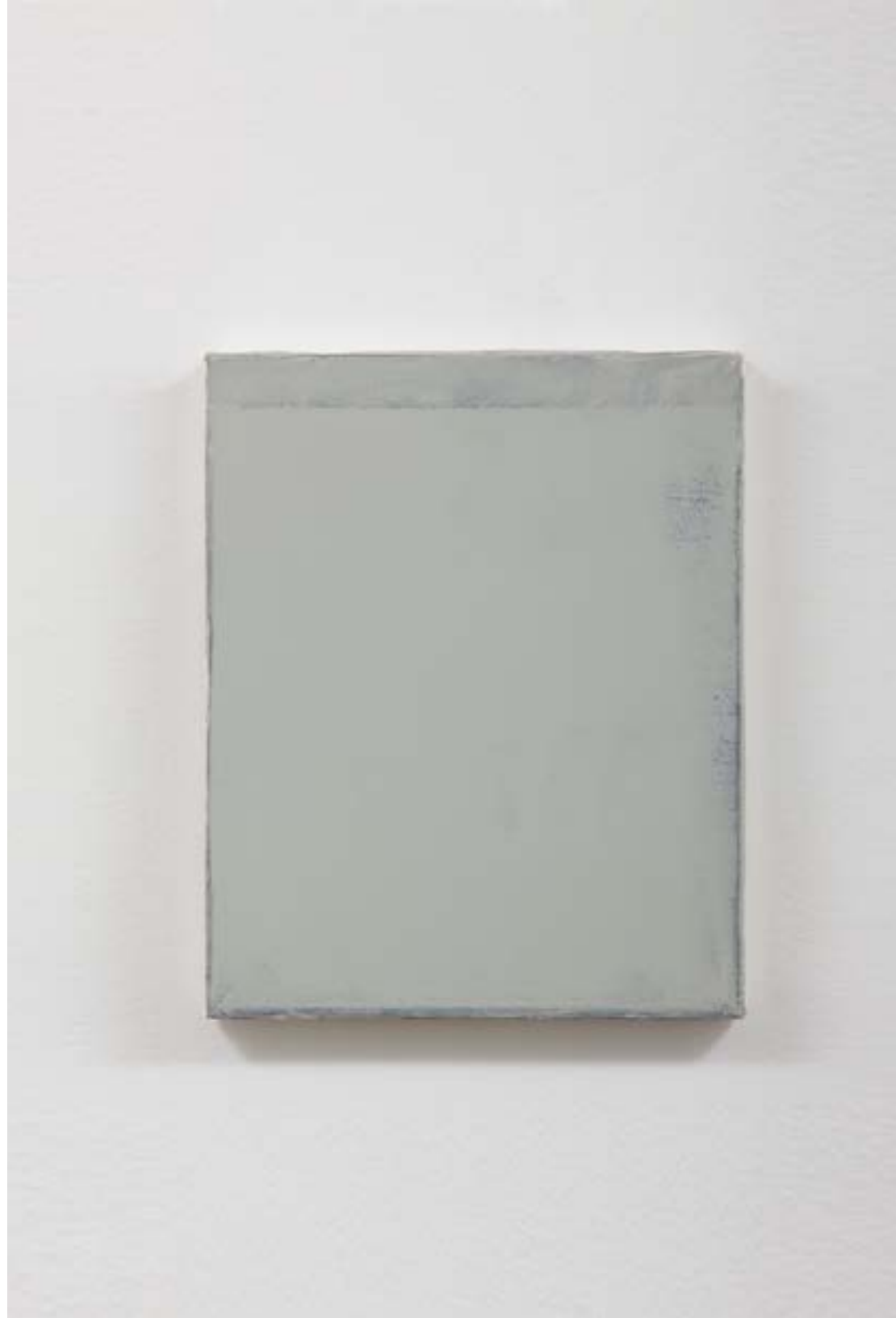
Bruno Dunley
sem título/untitled 2013
óleo sobre tela/oil on canvas
30 x 24 cm



Bruno Dunley
sem título/untitled 2013
óleo sobre tela/oil on canvas
30 x 20 cm



Bruno Dunley
sem título/untitled 2013
óleo sobre tela/oil on canvas
30 x 20 cm





A obra de Bruno Dunley questiona a especificidade da pintura, particularmente no que diz respeito às relações entre representação e materialidade. Suas pinturas começam como composições cuidadosamente construídas, lentamente sofrendo correções que, às vezes, revelam lacunas na aparente continuidade da percepção.

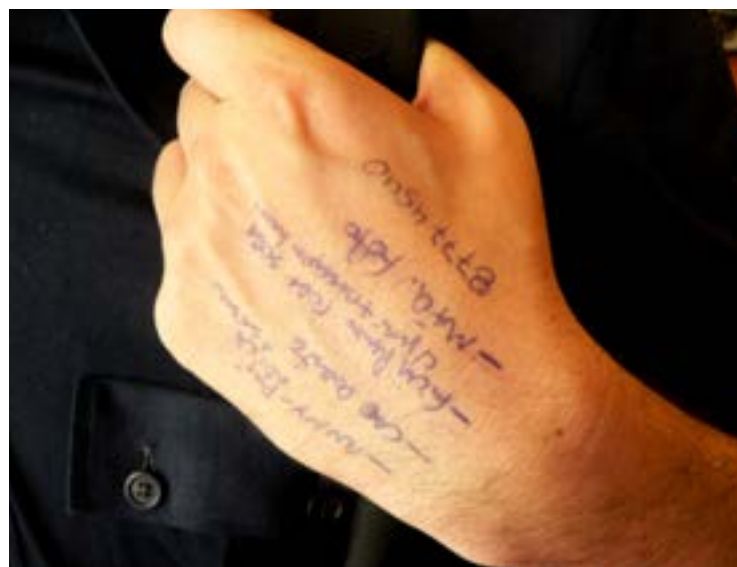
Inserido em uma nova geração de pintores brasileiros chamada 2000e8, Dunley parte tanto de imagens encontradas quanto de uma análise sobre a própria natureza da pintura, em que códigos de linguagem como o gesto, o plano, a superfície, e a representação, são entendidos como um alfabeto, uma superfície da escrita comum. Constantemente uma única cor predomina toda a superfície na pintura de Dunley, o que nos sugere uma linguagem visual minimalista, acarretando também uma qualidade meditativa a algumas de suas pinturas. Como enunciado, o artista vê seu “trabalho como uma série de perguntas e afirmações sobre as possibilidades da pintura, sobre o que é, e o que esperamos dela”. Nas pinturas de Dunley, promessas são feitas e conseqüentemente quebradas, testando os limites da tensão do observador. Noções preconcebidas sobre pintura e composição, no trabalho de Bruno Dunley, são incessantemente desafiadas de maneiras surpreendentes.

Bruno Dunley nasceu em Petrópolis, em 1984. Vive e trabalha em São Paulo. Exposições recentes incluem as individuais *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 2013) e *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, França, 2012); assim como as coletivas *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011); e *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brasil, 2010).

The work of Bruno Dunley questions the specificity of painting, particularly in relation to representation and materiality. His paintings depart from carefully constructed compositions, gradually undergoing corrections and alterations which, at times, reveal the lacunae in the apparent continuity of perception.

Part of a new generation of Brazilian painters called 2000e8, Dunley begins both from found images as well as from the analysis of the nature of painting, in which language codes such as gesture, plane, surface, and representation are understood as an alphabet, a common ground. A single colour constantly predominates the entire surface of his canvases, suggesting a minimalist visual language and attributing a meditative quality to some of his paintings. As stated by the artist “I see my work as a series of questions and affirmations about the possibilities of painting, about its essence and our expectations of it.” In the work of Dunley, promises are made and consequently broken, testing the limits of the viewer’s tension. Preconceived notions of painting and composition, in the work of the artist, are incessantly challenged in surprising ways.

Bruno Dunley was born in Petrópolis, Brazil (1984). He lives and works in São Paulo. Recent exhibitions include the solo shows *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2013) and *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, France, 2012); as well as the group shows *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2011); and *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brazil, 2010).



Cao Guimarães
Nichos de Gambiarras: Anotações 2008 / 2014
fotografia/photograph ed 3/3 + 2 PAs
53 x 80 cm / 28 x 50 cm / 30 x 40 cm



cao guimarães

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente situadas na fronteira entre filme e artes visuais. O artista também trabalha com fotografia, como é o caso da sua série em andamento *Gambiarra*. Aqui, sua habilidade de improvisar dá origem a momentos de estranhamento que são capazes de reinventar nosso olhar sobre objetos e situações comuns.

Seus filmes foram exibidos em festivais, tais como: Festival de Locarno (2004, 2006 e 2008), Mostra Internazionale d'Arte Cinematografica di Venezia (2007); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007 e 2008), International Documentary Film Festival Amsterdam (2004); Sydney International Film Festival (2008); entre outros. Mais recentemente, seu longa-metragem, *Otto* (2012), recebeu o prêmio de Melhor Documentário Longa-Metragem, Melhor Fotografia e Melhor Trilha Sonora Original (para O Grivo) no 45º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

O artista nasceu em Belo Horizonte, em 1965, onde vive e trabalha. Participou das 25ª e 27ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (2002 e 2006); da 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2011); da 6ª Bienal de Montreal, Canadá (2009); e da Bienal de Arquitetura e Urbanismo de Shenzhen, China (2011). Participou de importantes exposições coletivas como: *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA, 2014); *Blind field* (Eli and Edythe Broad Art Museum, East Lansing, EUA, 2013); *Turn off the sun: selections from La Colección Jumex* (Arizona State University Art Museum, Tempe, EUA, 2013); *Eloge du vertige* (Maison Européenne de la Photographie, Paris, França, 2012); *Premiere Brazil!* (MoMA, Nova York, EUA, 2011); e *O fim do sem fim* (Seoul International Media Art Biennale, Seul, Coreia do Sul, 2010). Exposições individuais recentes incluem: *Ver é uma fábula* (Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, 2013); *Estética da gambiarra* (Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Cao Guimarães* (Galerie Xippas, Paris, França, 2011); e *A alma do osso* (Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, Brasil, 2010). A obra de Guimarães está representada internacionalmente em museus e coleções privadas, incluindo: Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França; Tate Modern, Londres, Inglaterra; Walker Art Center, Minneapolis, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; MoMA, Nova York, EUA; San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA; Instituto Cultural Inhotim, Brumadinho, Brasil; entre outros.

The works of Cao Guimarães are expanded audiovisual pieces, often located at the crossroads of film and visual arts. The artist also works closely with photography, as is the case of his ongoing series *Gambiarra*. Here, the ability to improvise gives rise to instances of strangeness that are capable of reinventing our gaze of commonplace objects and situations.

His films have been showcased in festivals, such as: Festival de Locarno (2004, 2006, and 2008), Mostra Internazionale d'Arte Cinematografica di Venezia (2007); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007, and 2008), International Documentary Film Festival Amsterdam (2004); Sydney International Film Festival (2008); among others. Most recently, Guimarães feature film *Otto* (2012), was recipient of the award for Best Feature Film Documentary, Best Photography, and Best Original Soundtrack (awarded to O Grivo) at the 45th Brasilia Film Festival.

The artist was born in 1965 in Belo Horizonte, where he lives and works. He featured in the 25th and 27th editions of the São Paulo Biennial, Brazil (2002 and 2006); the 8th Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2011); the 6th Montreal Biennale, in Canada (2009); and the Biennial of Architecture and Urbanism in Shenzhen, China (2011). Recent group shows include: *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, USA, 2014); *Blind field* (Eli and Edythe Broad Art Museum, East Lansing, USA, 2013); *Turn off the sun: selections from La Colección Jumex* (Arizona State University Art Museum, Tempe, USA, 2013); *Eloge du vertige* (Maison Européenne de la Photographie, Paris, France, 2012); *Premiere Brazil!* (MoMA, New York, USA, 2011); and *O fim do sem fim* (Seoul International Media Art Biennale, Seoul, South Korea, 2010). Recent solo shows include: *Ver é uma fábula* (Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, 2013); *Estética da gambiarra* (Parque Lage, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Cao Guimarães* (Galerie Xippas, Paris, France, 2011); and *A alma do osso* (Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, Brazil, 2010). Guimarães is represented in museums and private collections around the world, including: Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, France; Tate Modern, London, England; Walker Art Center, Minneapolis, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; MoMA, New York, USA; San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, USA; Instituto Cultural Inhotim, Brumadinho, Brazil; among others.



Carlito Carvalhosa
sem título/untitled 2013
óleo sobre alumínio/oil on aluminum
200 x 100 cm



A forma como Carvalhosa manipula luz e espaço é ao mesmo tempo um ato de ocultamento e revelação. Nos anos 1980, participou do coletivo paulista Grupo Casa 7, juntamente com Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, e como seus colegas, produziu pinturas em grande escala com ênfase no gesto pictórico. No entanto, recentemente, Carvalhosa expandiu sua prática artística para a escultura, empregando tecidos, espelhos e luzes para criar ambientes de experiência e participação.

Em 2011, Carvalhosa foi o primeiro artista brasileiro a ocupar o átrio do MoMA, Nova York, com sua instalação *Sum of Days*, uma estrutura feita de material translúcido que pendurada no teto formava um labirinto, ocultando o perímetro do espaço arquitetônico circundante e permitindo uma experiência de total imersão. Microfones foram distribuídos pelo interior da escultura que tocavam as gravações do barulho ambiente gravadas no dia anterior. Em 2013, Carvalhosa foi selecionado para inaugurar o novo espaço do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Ibirapuera, com *Sala de espera*, uma instalação composta de mais de setenta troncos de árvore de 12 metros de comprimento, originalmente usados como postes para a iluminação de ruas, que cortavam horizontalmente o prédio projetado por Niemeyer, transformando seu interior em esfera pública.

Nascido em São Paulo em 1961, Carlito Carvalhosa vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou da 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985); da Bienal de Havana, Cuba (1986 e 2012); e da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2001 e 2009). Entre suas exposições coletivas recentes estão: *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Trienal no Alentejo* (Alentejo, Portugal, 2013); *Brasil vívido* (S12, Nova York, EUA, 2013); *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); e *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013). Entre suas últimas mostras individuais estão: *Sala de espera* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sum of days* (MoMA, Nova York, EUA, 2011); *Lugar comum* (Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); *Projeto respiração: regra de dois* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); e *A soma dos dias* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010). Suas obras fazem parte de coleções renomadas como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, todas no Brasil; e The Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA; entre outras.

Carvalhosa's manipulation of light and space is simultaneously an act of concealment and revelation. In the 1980s, he was a member of the São Paulo based collective Grupo Casa 7, alongside Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos, and Paulo Monteiro and like his colleagues, produced large paintings with an emphasis on the pictorial gesture. Recently, however, Carvalhosa has expanded his practice to installation, employing fabric, mirrors, and lights to create experiential and participatory environments.

In 2011, he was the first Brazilian artist to occupy the atrium at MoMA with his installation *Sum of Days*. Consisting of a structure made of translucent material, hanging from the ceiling and forming a labyrinth, *Sum of Days* obscured the perimeter of its surrounding architectural space, allowing for an experience of total immersion. Microphones were distributed in the interior of the structure playing back recordings of ambient noise captured from the previous day. In 2013, Carvalhosa was selected to inaugurate the new space of the Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo with the site specific *Sala de espera*. An installation consisting of over forty posts, 12 meters in length and originally used as lamp posts for street lighting, *Sala de espera* horizontally cut the Niemeyer building, transforming an interior building into a public sphere.

Born in 1961 in São Paulo, Carlito Carvalhosa lives and works in Rio de Janeiro. He featured in the 18th São Paulo Biennial, Brazil (1985); the Havana Biennial, in Cuba (1986 and 2012); and the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (2001 and 2009). Recent group shows include: *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Trienal no Alentejo* (Alentejo, Portugal, 2013); *Brasil vívido* (S12, New York, USA, 2013); *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); and *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013). Recent solo shows include: *Sala de espera* (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Sum of days* (MoMA, New York, USA, 2011); *Lugar comum* (Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brazil, 2011); *Projeto respiração: regra de dois* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brazil, 2011); and *A soma dos dias* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2010). His work is included in renowned collections such as Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; e Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, all in Brazil; and The Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA, among others.



Cristina Canale
Ladrilho 2013
mista sobre tela/
mixed media on canvas
ed única -- 40 x 40 cm



Cristina Canale
Chapéu 2013
mista sobre tela/
mixed media on canvas
ed única -- 40 x 40 cm

A educação artística de Cristina Canale começou nos anos 1980 no Parque Lage, no Rio de Janeiro. No entanto, foi apenas quando viajou para Berlim, em meados dos anos 1990, que a artista afirmou seu estilo singular de pintura, revelando características únicas, notavelmente a forma na qual os elementos figurativos de suas composições estão sempre prestes a serem dissolvidos na abstração. Suas paisagens parecem retratar um mundo líquido, no qual alguns elementos reconhecíveis emergem entre campos de cor harmonicamente justapostos, apesar da variação de cor em cada pintura.

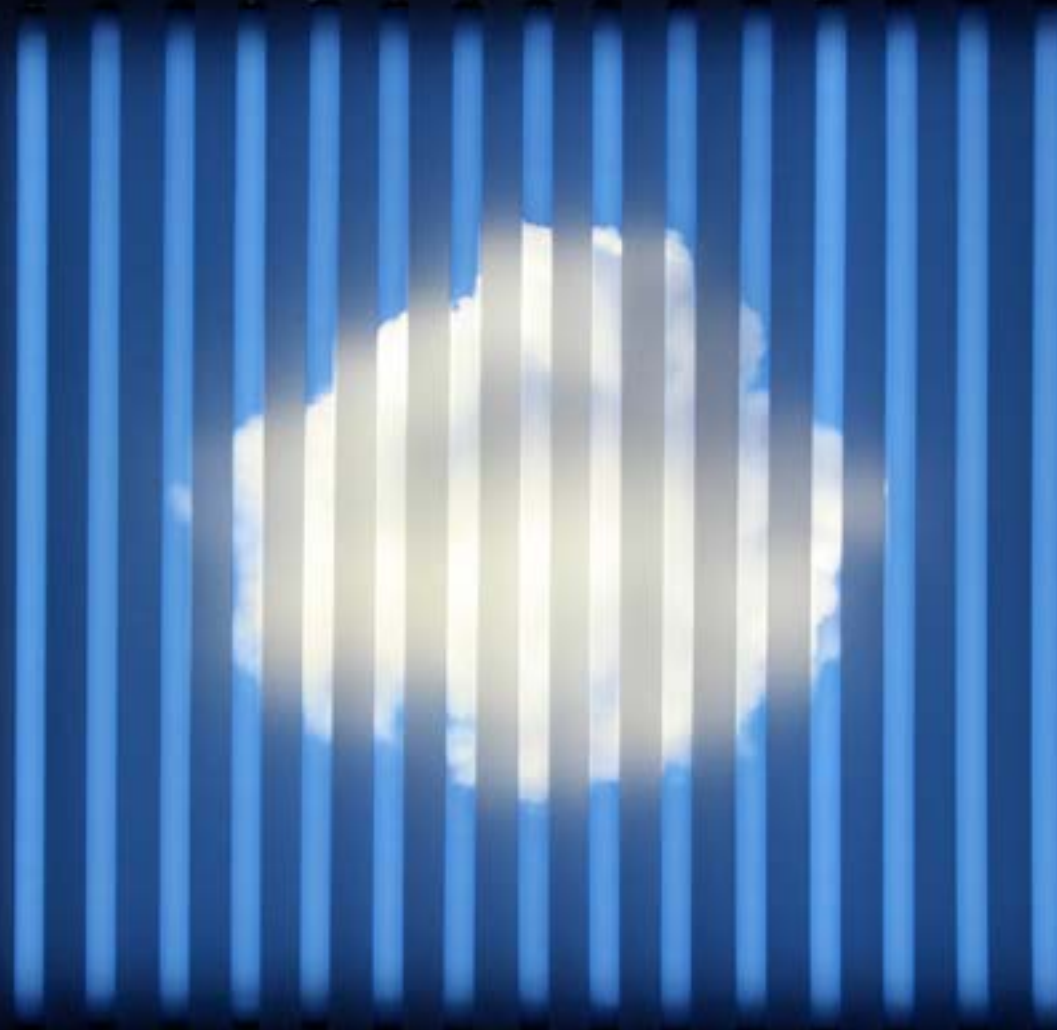
Após ter se estabelecido na cena artística brasileira como parte da Geração 80, juntamente com artistas como Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Sérgio Sister, Daniel Senise e Leda Catunda, a artista mudou-se para a Alemanha para estudar pintura na Kunstakademie Düsseldorf sob a supervisão do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Em vários aspectos, as pinturas de Canale carregam uma identidade dupla: nascidas da tradição brasileira da pintura, também incorporam a produção contemporânea alemã na pintura e além.

Canale é carioca nascida em 1961. Reside e produz em Berlim. Participou da 21ª Bienal de São Paulo (1991); a 6ª Bienal de Curitiba (2011); além de exposições coletivas que incluem: *Além da forma* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2012); *O Colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2011); *Dentro do traço, mesmo* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2009); e *Da visualidade ao conceito* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Exposições individuais incluem: *Protagonista e domingo* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Sem palavras* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); e *Arredores e rastros* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2010). Instituições brasileiras como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; e o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; entre outras, possuem obras suas.

Cristina Canale's artistic education began in the 1980s at Parque Lage, in Rio de Janeiro. However, it was only after she traveled to Berlin, in the mid 1990s, that she asserted her singular style of painting, revealing unique features, notably in the way in which figurative elements of the composition are always on the verge of impending dissolution into abstraction. Her landscapes seem to portray a liquid world, in which a few recognizable elements emerge between fields of color that are juxtaposed in harmonic fashion, despite the variation in color spectrum within each painting.

After establishing herself in the Brazilian scene as part of the *Geração 80* alongside artists such as Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Sérgio Sister, Daniel Senise, and Leda Catunda, the artist moved to Germany to study painting at the Kunstakademie Düsseldorf under the supervision of Dutch conceptual artist Jan Dibbets. In many ways, the paintings of Canale are twofold: borne of a Brazilian tradition of painting, they are also embedded within a contemporary German production in painting and beyond.

Canale was born in Rio de Janeiro in 1961. She lives and works in Berlin. She featured in the 21st São Paulo Biennial (1991); the 6th Curitiba Biennial (2011); as well as group shows, including *Além da forma* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2012); *O Colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2011); *Dentro do traço, mesmo* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2009); and *Da visualidade ao conceito* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). Solo shows include: *Protagonista e domingo* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Sem palavras* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); and *Arredores e rastros* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2010). Her works are housed in renowned Brazilian institutions such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; and Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, among others.



Eduardo Coimbra -- **Luz Natural** 2014 -- 15 lâmpadas fluorescentes, acrílico, impressão fotográfica sobre duratrans/15 fluorescent lamps, acrylic, photographic printing on Duratrans -- 120 x 120 cm



Eduardo Coimbra
Escada 2014
relevo em madeira/relief on wood
ed 1/3 + 2 PA -- 150 x 120 cm



Eduardo Coimbra é conhecido pelas suas instalações arquitetônicas *site-specific* com mídias variadas. Seus primeiros trabalhos usam objetos familiares resgatados do anonimato por meio de pequenos motores, luzes e máquinas elétricas. Muitas vezes convidando a participação do público, a obra de Coimbra inclui paisagens surreais e construídas, bem como maquetes imaginativas e ecológicas feitas de pequenos objetos domésticos, lâmpadas fosforescentes, aço e ferro.

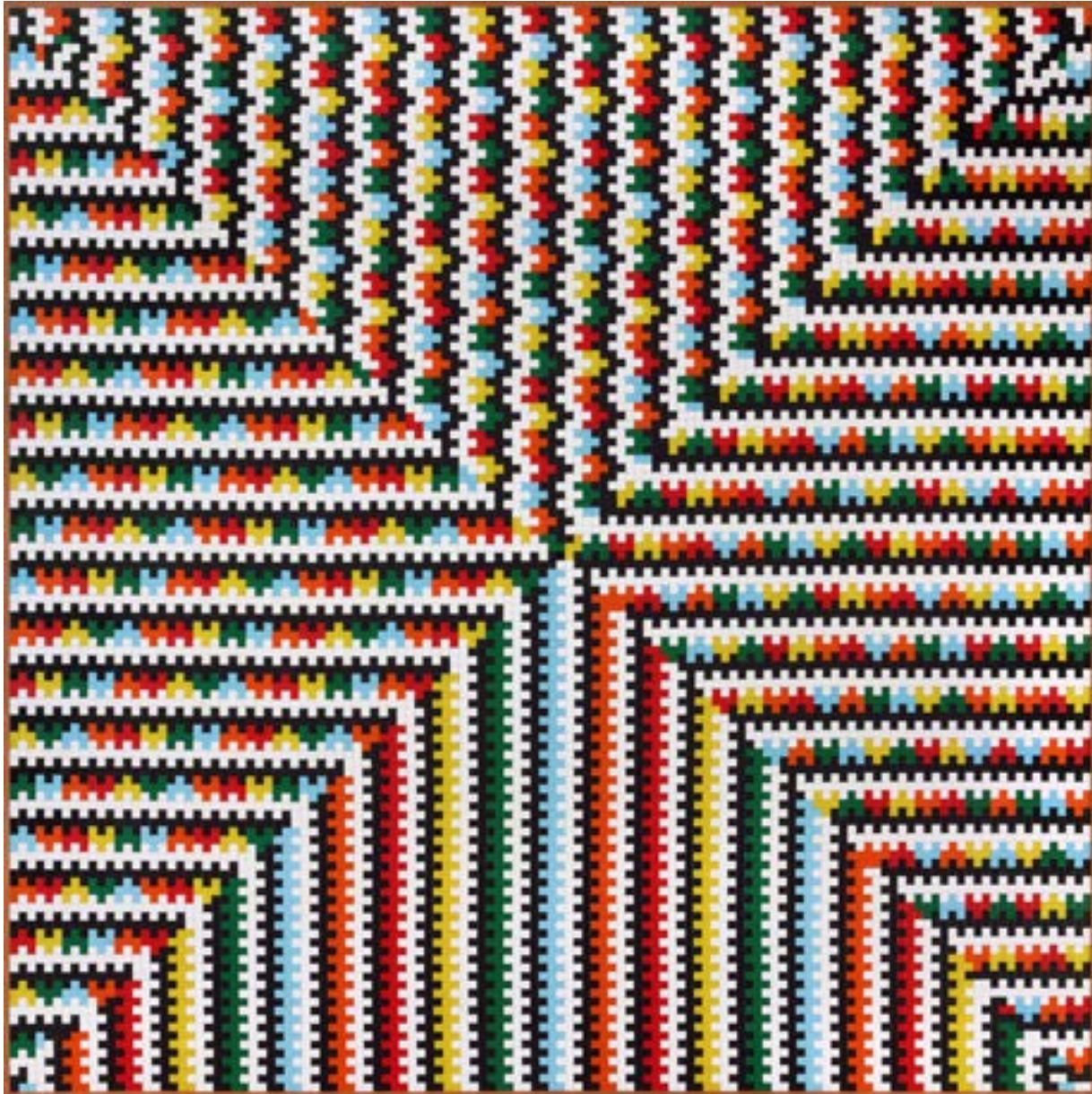
Nuvem (2011), sua grande escultura pública, é composta de caixas de luz quadradas, de 4,7 metros de altura e largura, com uma nuvem no centro e espelhos decorando as laterais. A escultura cria um portal surreal, convidando os espectadores a andarem pela instalação e vivenciarem o ambiente ao seu redor. *Paisagem*, exibida na sua mostra individual no Museu da Pampulha em 2001, à primeira vista, parece um grande campo de grama. Ao se aproximar, esta se dissolve em pequenos vasos individuais, como se o verde exuberante fosse pixels compondo a paisagem, permitindo que a vegetação invadisse o espaço interno do museu, revelando-se simultaneamente como imagem e matéria.

Eduardo Coimbra nasceu em 1955, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2001), ambas no Brasil. Exposições coletivas recentes incluem: *Escavar o futuro* (Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brasil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Höhenrausch 2* (Offenes Kulturhaus Oberösterreich, Linz, Áustria, 2011); *Lugar algum* (SESC Pinheiros, São Paulo, Brasil, 2010); e *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009). Algumas de suas mostras individuais recentes são: *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscou, Rússia, 2013; Arte na Cidade, São Paulo, Brasil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2011); e *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2007).

Eduardo Coimbra is best known for his site-specific, mixed-media architectural installations. His early works consist of familiar objects rescued from anonymity through the use of tiny motors, lights, and electrical machines. Often inviting audience participation, Coimbra's works include surreal, constructed landscapes and imaginative, eco friendly maquettes made from small household objects, fluorescent lights, steel and iron.

His large public sculpture *Nuvem* (2011), composed of light boxes, 4.7 meters in height and length, with a photograph of a cloud at the center and mirrors adorning the lateral facets, creates a surreal portal, inviting the viewers to walk around the installation and experience the environment anew. *Paisagem*, showcased in his solo show at Museu da Pampulha in 2011, at first resembles a large field of grass. However, when seen up close, seamless vastness dissolves into small individual pots. As if the lush greenery were pixels that composed the landscape, *Paisagem* reveals itself as image and matter at the same time.

Eduardo Coimbra was born in 1955 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 29th São Paulo Biennial (2010) and the 3rd Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2001), both in Brazil. Recent group shows include: *Escavar o futuro* (Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brazil, 2013) *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Palácio das Artes*, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brazil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Höhenrausch 2* (Offenes Kulturhaus Oberösterreich, Linz, Austria, 2011); *Lugar algum* (SESC Pinheiros, São Paulo, Brazil, 2010); and *After utopia* (Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Italy, 2009). Recent solo shows include: *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscow, Russia, 2013; Arte na Cidade, São Paulo, Brazil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brazil, 2011); and *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2007).



José Patrício
Trajektorias cromáticas 2012
peças de quebra-cabeças de plástico
sobre madeira/plastic puzzle pieces on wood
ed unique -- 179 x 179 cm

O trabalho de José Patrício é fundamentado em combinações numéricas lógicas que criam uma experiência visual. Ele é mais conhecido pelas suas instalações de chão da série *Ars combinatória* (2004), composta de três jogos de dominó de 28 peças (totalizando 84 peças de dominó) colocadas em um tapete de 180 módulos (totalizando 15.120 peças). Quando vistas de longe, o desenho assume uma aparência quase de pintura ou tonal, que contrasta com o grafismo de cada peça.

Empregando materiais diversos, tais como miçanga, botões de madeira e filtros de café banhados em tinta, o artista remove o uso tradicional desses materiais e os reorganiza em uma nova ordem que resulta em composições formais inusitadas. Influenciado pelos movimentos artísticos geométrico e concreto brasileiros (anunciados por Almir Mavignier), seus trabalhos enfatizam a relação frágil entre ordem e sua possível dissolução, sugerindo que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas tem o potencial de conter sua própria expressividade. Em 2012, Patrício foi convidado pela curadora Yuko Hasegawa para produzir um trabalho *site-specific* para a ART HK Projects.

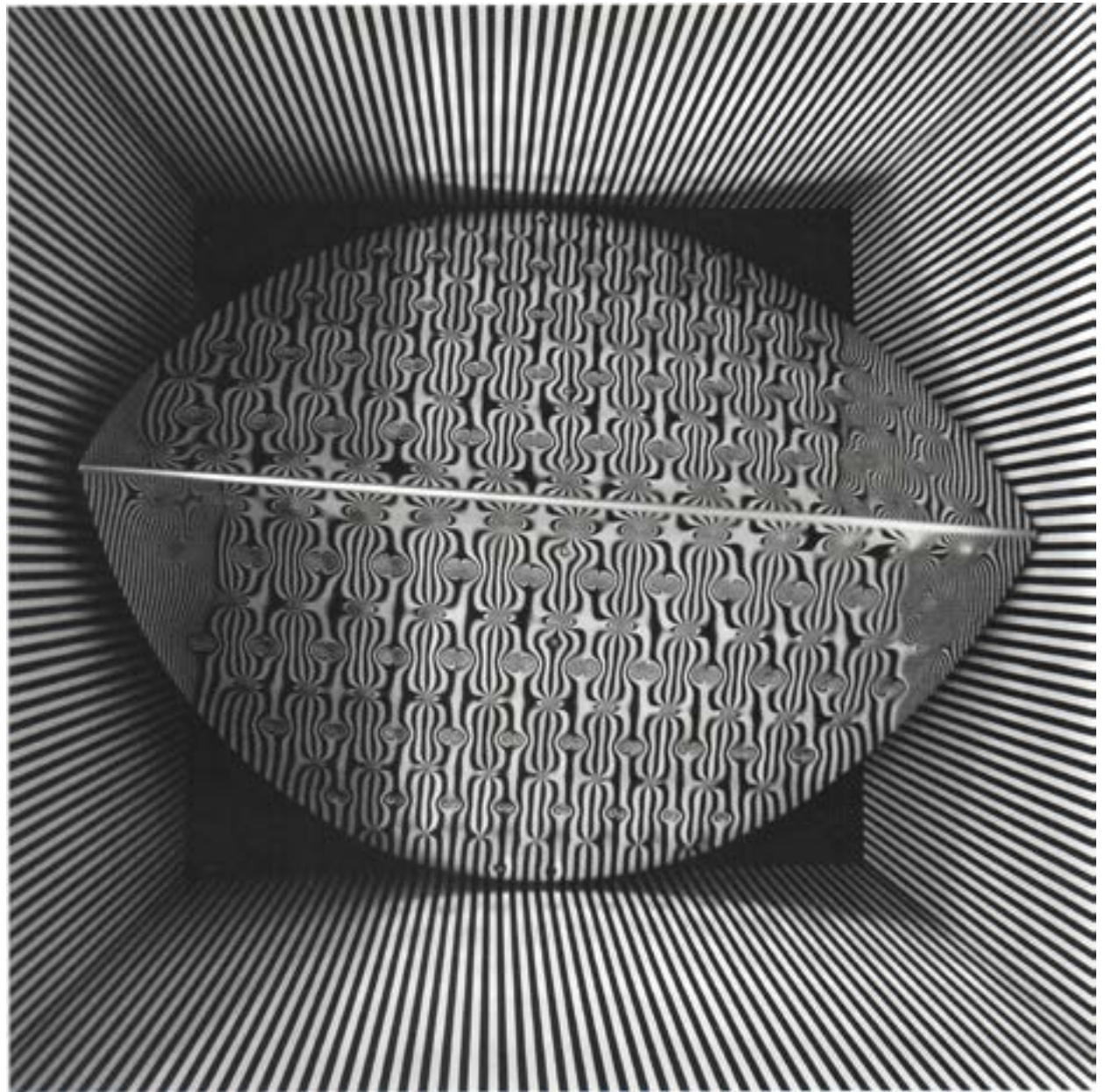
José Patrício nasceu em 1960, em Recife, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a 22ª Bienal de São Paulo (1994) e a 3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em Porto Alegre (1994), ambas no Brasil; e a 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Participações recentes em exposições coletivas incluem: *Le Hors-Là* (Usina Cultural, João Pessoa, Brasil, 2013); *Buzz* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Art in Brazil* (Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica, 2011); e *50 anos de arte brasileira* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2009). Suas mais recentes mostras individuais são: *A espiral e o labirinto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *José Patrício: o número* (Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil, 2010); e *Expansão múltipla* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2008). Suas obras fazem parte de coleções como a da Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, França; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brasil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brasil.

The foundations of the works by José Patrício lay in logical numerical combination to create a visual experience. He is best known for his floor installation *Ars combinatória* (2004), consisting of three 28-piece domino sets (amounting to 84 individual dominoes) arranged in carpet formation of 180 modules (totaling, 15,120 pieces); when viewed from afar, the pattern assumes an almost painterly, tonal, overall appearance which contrasts to the graphism of each individual domino piece.

Employing various materials, such as wooden beads and paper coffee filters bathed in paint, the artist removes the traditional usage of these materials and reassembles them in a new order that results in unexpected formal compositions. Influenced by the geometric and concrete art movements in Brazil (heralded by Almir Mavignier), his works emphasize the fragile relation between order and the possibility of its dissolution, suggesting that even the most rigid mathematical formula has the potential of containing its own expressivity. Most recently, Patrício was invited by curator Yuko Hasegawa to produce a site-specific work for Art HK Projects in 2012.

José Patrício was born in 1960 in Recife, where he lives and works. He featured in biennials such as the 22nd São Paulo Biennial (1994) and the 3rd Mercosul Visual Arts Biennial, in Porto Alegre (1994), both in Brazil; and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent group shows include: *Le Hors-Là* (Usina Cultural, João Pessoa, Brazil, 2013); *Buzz* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Art in Brazil* (Palais des Beaux Arts, Brussels, Belgium, 2011); and *50 anos de arte brasileira* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2009). Recent solo shows include: *A espiral e o labirinto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *José Patrício: o número* (Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brazil, 2010); e *Expansão múltipla* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2008). His work is included in the collections of Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, France; Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, Recife, Brazil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; and Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, Brazil; among others.

Julio Le Parc
Trame alterée (M 17) 1965
metal, motor, cartão/
metal, motor, cardboard
30 x 30 x 30 cm





Nascido em 1928, em Mendoza, na Argentina, Julio Le Parc estudou na Escuela de Bellas Artes em Buenos Aires, em 1943. A exposição de Víctor Vasarely em Buenos Aires, em 1958, foi um importante catalisador da partida de Le Parc para Paris naquele mesmo ano. Com uma bolsa de estudos, realizou trabalhos em colaboração com artistas colegas de Vasarely e cofundou o *Groupe de Recherche d'Art Visuel* (GRAV), em 1960. Enquanto as primeiras pinturas geométricas de Le Parc tiveram influência da tradição construtivista da *Arte-Concreto Invención* em Buenos Aires, os trabalhos criados logo após sua chegada em Paris também revelaram um crescente interesse pelo trabalho de Mondrian e Vasarely.

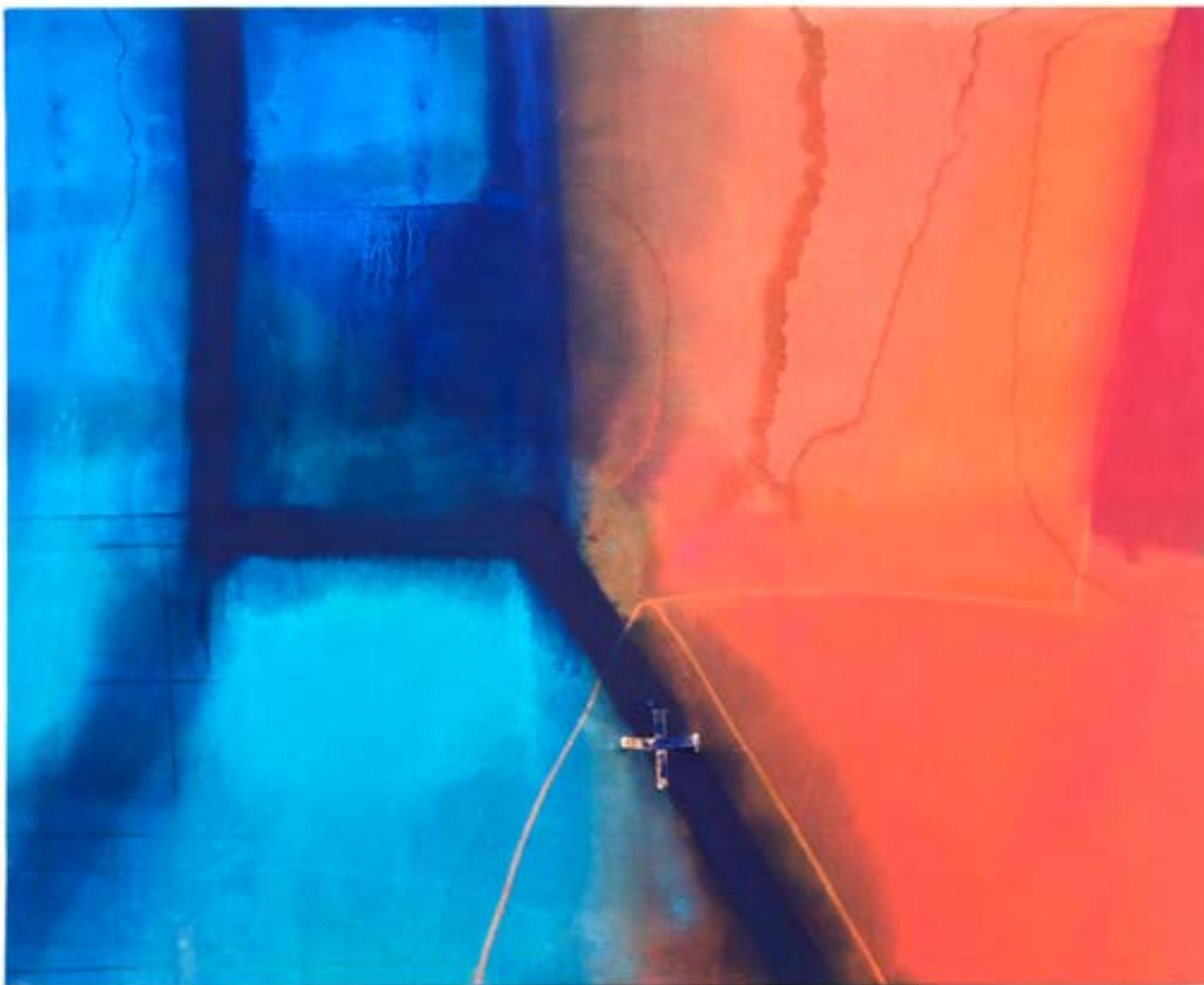
No início dos anos 1960, Le Parc passou a incorporar movimento e luz à sua pesquisa. Interessado nas possibilidades do movimento, e na participação do espectador, ele desenvolveu seus característicos ambientes de luz e esculturas cinéticas, que vieram a lhe trazer reconhecimento internacional enquanto um dos maiores expoentes da arte cinética. Representante da Argentina na Bienal de Veneza de 1966, Le Parc recebeu o Grande Prêmio Internacional de Pintura como artista individual. Apesar da dissolução do grupo em 1968, continuou a trabalhar tanto como artista individual quanto como integrante de coletivos internacionais, particularmente dos que estavam envolvidos na denúncia política de regimes totalitários. As obras de Le Parc ganharam diversas exposições individuais na Europa e na América Latina, em locais como o Instituto di Tella (Buenos Aires), o Museo de Arte Moderno (Caracas), o Palacio de Bellas Artes (México), a Casa de las Americas (Havana), o Moderna Museet (Estocolmo), Daros (Zurique), Städtische Kunsthalle (Dusseldorf).

Além disso, integraram muitas outras exposições coletivas e bienais, entre as quais estão a polêmica *The Responsive Eye* (1965), no MoMA, em Nova York, a Bienal de Veneza, em 1966 (na qual recebeu o Prêmio), e Bienal de São Paulo (1967). Em protesto contra o regime militar repressor no Brasil, Le Parc se juntou a outros artistas no boicote à Bienal de São Paulo de 1969 e publicou o catálogo alternativo *Contrabiennial*, em 1971. As obras coletivas realizadas posteriormente por Le Parc incluem a participação em movimentos antifascistas no Chile, em El Salvador e na Nicarágua. Mais recentemente, a obra de Le Parc foi objeto de grandes retrospectivas em 2013, como *Soleil froid* (Palais de Tokyo, Paris, França); *Le Parc lumière* (Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil); *Uma busca contínua* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil); e apresentada na exposição coletiva *Dynamo* (Grand Palais, Paris, França).

Born in 1928 in Mendoza, Argentina, Julio Le Parc attended the Escuela de Bellas Artes in Buenos Aires in 1943. Victor Vasarely's 1958 exhibition in Buenos Aires became an important catalyst for Le Parc's departure for Paris that year. Awarded a scholarship to study in Paris, he pursued collaborative work with fellow artist friends of Vasarely and co-founded the *Groupe de Recherche d'Art Visuel* (GRAV) in 1960. While Le Parc's early geometric paintings were first informed by the Constructivist tradition of *Arte-Concreto Invención* in Buenos Aires, works produced soon after his arrival in Paris also reflect a growing interest in the work of Mondrian and Vasarely.

By early 1960s, Le Parc began incorporating movement and light into his research. Interested in the possibilities of movement, and the participation of the viewer, he developed his signature kinetic sculptures and light environments, which would ultimately bring him international recognition as a leading exponent of Kinetic Art. Representing Argentina at the 1966 Venice Biennale, he won the Grand International Prize for Painting as an individual artist. Although the group dissolved in 1968, Le Parc continued to work simultaneously as an individual artist and as part of international collectives, particularly those involved in politically denouncing totalitarian regimes. Le Parc's works have been the subject of numerous solo shows in Europe and Latin America, including Instituto di Tella (Buenos Aires), Museo de Arte Moderno (Caracas), Palacio de Bellas Artes (Mexico), Casa de las Americas (Havana), Moderna Museet (Stockholm), Daros (Zürich), Städtische Kunsthalle (Düsseldorf).

Le Parc's works have also been included in numerous group exhibitions and biennials, including MoMA's controversial exhibition *The Responsive Eye* (1965), the Venice Biennale in 1966 (where he was awarded the Prize), and the São Paulo Biennial (1967). As acts of protest against the repressive military regime in Brazil, he joined artists in boycotting the 1969 São Paulo Biennial and published an alternative *Contrabiennial* catalogue in 1971. Le Parc's later collective works included participation in anti-fascist movements in Chile, El Salvador and Nicaragua. In 2013, he has been the subject of major retrospectives including *Soleil froid* (Palais de Tokyo, Paris, France); *Le Parc lumière* (Casa Daros, Rio de Janeiro, Brazil); *A constant quest* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil); and included in the group exhibition *Dynamo* (Grand Palais, Paris, France).



Karin Lambrecht
Ouvir 2012
pigmentos em emulsão acrílica, chuva e marcas de pedras com caligrafias de pastel seco sobre lona/
pigments on acrylic emulsion, rain and stone markings and dry pastel on linen
110 X 132 cm

Trabalhando no campo expandido da pintura e da escultura, a obra de Karin Lambrecht materializa a abstração gestual da Geração 80 ao mesmo tempo em que faz referência à Arte Povera e a Joseph Beuys. Usando pigmentos de cores vibrantes, produzidos pela própria artista, ela aplica pinceladas gestuais amplas a telas feitas à mão, sem moldura, rasgadas e queimadas. Muitas vezes também incorpora materiais orgânicos, tais como sangue animal, carvão, água da chuva e terra. Seus motivos recorrentes incluem: cruces, o corpo humano e palavras enigmáticas escritas à mão ou carimbadas, que emergem das camadas de tinta, sugerindo doença, morte e cura.

Em 2001, Lambrecht produziu *Eu e você*, um "ato de pintura" realizado em Bagé, um pequeno município no sul do Rio Grande do Sul. A artista acompanha o trabalho de um corneador que abate o cordeiro como num rito judaico e deixou que o sangue do animal escorresse para as superfícies brancas do seu vestido e tela, como tinta para sua pintura. O trabalho foi considerado finalizado no momento em que o animal finalmente sucumbiu à morte.

Karin Lambrecht nasceu em 1957, em Porto Alegre, onde vive e trabalha. Participou das 18^a, 19^a e 25^a edições da Bienal de São Paulo (1985, 1987 e 2002) e da 5^a Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2005), todas no Brasil. Exposições coletivas de que participou nos últimos anos incluem: *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2011); *Lugares desdobrados* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2008); *Arte no Brasil 1981-2006* (Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, 2007); e *Manobras radicais* (Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brasil, 2006). Algumas de suas exposições individuais incluem: *Eclipse* (Pinacoteca da Feevale, Novo Hamburgo, Brasil, 2013); *Cores, palavras e cruces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brasil, 2002); e *Projeto eventos especiais* (Funarte, Rio de Janeiro, Brasil, 1996). Sua obra está presente nas coleções do Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil; da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, entre outras.

Working within the expanded field of painting and sculpture, Karin Lambrecht's work embodies the gestural abstraction of her 1980s generation while referencing Arte Povera and Joseph Beuys. Using vibrant pigments, produced by the artist herself, she applies broad, gestural brushstrokes to hand-stitched frameless, torn, and burned canvases, sometimes incorporating organic materials such as animal blood, charcoal, rainwater, and earth. Her recurring motifs include crosses, the human body, and handwritten or stamped enigmatic words that emerge from layers of paint evoking illness, death, and cure.

In 2001, Lambrecht produced *Eu e você*, an "action painting" performed in Bagé, a small village in the state of Rio Grande do Sul. Slitting the neck of a lamb, Lambrecht allowed the animal's blood to flow onto the white surfaces of her dress and canvas, as paint for her surfaces. The painting was considered finalized, the moment the lamb finally succumbed to death.

Karin Lambrecht was born in 1957 in Porto Alegre, where she lives and works. She featured in the 18th, 19th, and 25th editions of the São Paulo Biennial (1985, 1987, and 2002) and in the 5th Mercosul Biennial (2005), all in Brazil. Group shows in the last few years include: *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2011); *Lugares desdobrados* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2008); *Arte no Brasil 1981-2006* (Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, 2007); and *Manobras radicais* (Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brazil, 2006). Solo shows include: *Eclipse* (Pinacoteca da Feevale, Novo Hamburgo, Brazil, 2013); *Cores, palavras e cruces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Brazil, 2002); and *Projeto eventos especiais* (Funarte, Rio de Janeiro, Brazil, 1996). Her works are included in the collections of the Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil; the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; and the Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, among others.



Laura Vinci -- **Duas graças II (díptico)** 2013 -- latão e latão cromado/brass -- 1/2 + PA -- 23 x Ø 60 cm cada/each



Laura Vinci -- **Piãozinho** 2014 -- latão cromado/brass -- ed 3/5 + 2PA -- 7 x 7 X 7 cm cada/each

A prática artística de Laura Vinci inclui, primariamente, esculturas de grande porte e instalações. Os seus trabalhos são intervenções em espaços públicos e privados e insistem que os espectadores se tornem participantes do seu trabalho. Seja pendurando teias de luzes no teto, enchendo o chão de maçãs, congelando a sala de exposição ou conectando uma rede de bacias de mármore com água, a artista se interessa pela transformação, pela construção de um ambiente onde a mudança acontece diante dos olhos do espectador.

Em *Máquina do mundo* (2005), em exibição no Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, Vinci instalou um monte com cinco toneladas de pó de mármore nas extremidades de uma correia montadora. Conforme os grãos da poeira são transportados pela galeria, criam um contexto inteiramente novo para um meio que tem sido usado em escultura desde a Grécia Antiga, tornando o processo, a mudança, e a transição mais importantes do que a estabilidade de um objeto estático.

Laura Vinci nasceu em 1962, em São Paulo, onde vive e trabalha. Entre suas exposições individuais recentes estão: *No ar* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2013); *Clara-clara* (Arte na Cidade, São Paulo, Brasil, 2012); e *Laura Vinci* (Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Portugal, 2010). Participou da 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004); das 2ª, 5ª e 7ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2009); e da 10ª Bienal Internacional de Cuenca, Equador (2009). *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2013); *Instável* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2012); *Beuys e bem além: ensinar como arte* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Cantiere arte ambientale* (Ex-Macello, Pádua, Itália, 2010); e *Intempéries — o fim do tempo* (Oca, São Paulo, Brasil, 2009) são algumas mostras coletivas que participou. Possui obras em acervos como os da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; do Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, Brumadinho, Brasil; do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Palazzo delle Papesse, Siena, Itália.

The practice of Laura Vinci includes, primarily, large-scale sculpture and installation. Her works stage interventions in spaces both public and private, and insist viewers to become participants of the work. Whether hanging netted lights from the ceiling, filling the floor with apples, freezing up an exhibiting room, or connecting a network of heated marble pools of water, she is interested in transformation; in constructing an environment where change happens before the viewer's eyes.

In *Máquina do mundo* (2005), on view at the Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, Vinci places a five ton mound of marble dust on either side of a conveyor belt. As the grains are moved across the gallery, they create an entirely new context for a material that has been used in sculpture since Ancient Greece, allowing the process, change, and transition to be more important than the stability of the fixed object.

Laura Vinci was born in 1962 in São Paulo, where she lives and works. Recent solo shows include: *No ar* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2013); *Clara-clara* (Arte na Cidade, São Paulo, Brazil, 2012); and *Laura Vinci* (Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisbon, Portugal, 2010). She participated in the 26th São Paulo Biennial, Brazil (2004); the 2nd, 5th, and 7th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2009); and the 10th Cuenca International Biennial, in Ecuador (2009). *As tramas do tempo na arte contemporânea: estética ou poética?* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2013); *Instável* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2012); *Beuys e bem além: ensinar como arte* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Cantiere arte ambientale* (Ex-Macello, Padua, Italy, 2010); and *Intempéries — o fim do tempo* (Oca, São Paulo, Brazil, 2009) are some of the group shows in which she featured. Her works are included in the collections of the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Instituto de Arte Contemporânea Inhotim, Brumadinho, Brazil; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; and Palazzo delle Papesse, Siena, Italy.



Lucia Koch
Cono Norte (Los Olivos) 2011
impressão jato de tinta s/ papel de algodão/ink jet on cotton paper
ed 2/6 -- 113 x 127 cm

Lucia Koch
Cono Norte (Carabayllo) 2011
impressão jato de tinta sobre papel de algodão/ink jet on cotton paper
ed 2/6 + 2 PA -- 112 x 133 cm

Lucia Koch
Mel 2013
acrílico, estrutura dobrável e maleta em alumínio/
acrylic, foldable structure and aluminum carrying case
ed unique -- 145 x 38 x 28 cm ; mala: 31 x 46 x 14 cm



Intervenções com filtros e telas, vídeos e fotografias são algumas das mídias que Lucia Koch escolheu para investigar questões de luz e espacialidade, em diálogo constante com a arquitetura. Ao criar estados alterados dos lugares nos quais interferem, seus trabalhos reorientam não apenas a percepção, mas também a compreensão do mundo construído.

Ela participou do projeto independente “Arte Construtora”, que ocupou casas, parques e uma ilha em diferentes cidades brasileiras (1992/1996). Desde então, Koch desenvolveu um interesse por espaços domésticos e a forma como estes se relacionam com a vida nas cidades. Seus trabalhos englobam diferentes contextos, como um banho turco na Bienal de Istambul (2003) ou uma área de venda de tecidos por atacado em Nagoya para a Trienal de Aichi (2010).

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre. Vive e trabalha em São Paulo. Participou da 11ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2013); da 11ª Bienal de Lyon, França (2011); da 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); das 2ª, 5ª e 8ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2011); e da 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003). Exposições coletivas de que participou recentemente incluem: *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA, 2014); *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *Sense of Place* (Pier 24, San Francisco, EUA, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2011); *When Lives Become Form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, EUA, 2009; Contemporary Art Museum, Tóquio, Japão, 2008). Suas mais recentes mostras individuais são: *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones* (Flora ars + natura, Bogotá, Colômbia, 2014); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011); e *Casa acesa* (La Casa Encendida, Madri, Espanha, 2008).

Interventions with filters and screens, videos, and photographs are some of the media Lucia Koch has chosen in order to investigate issues of light and spatiality, in dialogue with architecture. By creating altered states of the places they interfere with, her works reorient not only perception, but the comprehension of the constructed world.

She participated in the *Arte Construtora* independent project, which occupied houses, parks, and an island in different Brazilian cities (1992 / 1996). Since then, Koch has pursued an interest in domestic spaces and how they relate to life in the city. Having works on contexts such as a functioning Turkish bath for the Istanbul Biennial (2003) or a textile wholesale area in Nagoya, for the Aichi Triennale (2010).

Lucia Koch was born in 1966 in Porto Alegre. She lives and works in São Paulo. She featured in the 11th Sharjah Biennial, in the United Arab Emirates (2013); the 11th Lyon Biennale, in France (2011); the 27th São Paulo Biennial, Brazil (2006); the 2nd, 5th, and 8th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2011); and the 8th Istanbul Biennial, in Turkey (2003). Recent group shows include: *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil* (Wexner Center for the Arts, Columbus, USA, 2014); *30 x Bienal* (Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *Sense of Place* (Pier 24, San Francisco, USA, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Um outro lugar* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2011); *When Lives Become Form* (Yerba Buena Center for Arts, San Francisco, USA, 2009; Contemporary Art Museum, Tokyo, Japan, 2008). Recent solo shows include: *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones* (Flora ars + natura, Bogotá, Colombia, 2014); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil, 2012); *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011); and *Casa acesa* (La Casa Encendida, Madrid, Spain, 2008).



Marco Maggi
HO 2013
recortes em papel/
cuts on paper and plexiglas
21 x 21 x 6 cm cada/each

marco	maggi

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, estimula seu público de forma espirituosa e delicada a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e aprofundar-se em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive.

Na série *The Ted Turner Collection — from CNN to the DNA*, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços de cor da reprodução oculta embaixo, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. As instalações mantêm o uso do papel, mas as numerosas pilhas, a distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

Marco Maggi nasceu em Montevidéu, Uruguai, em 1957. Vive e trabalha em Nova York e Montevidéu. *Flow, just flow* (Joel and Lila Harnett Museum of Art, Richmond, EUA, 2013); *MoCA's permanent collection: selection of recent acquisitions* (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, EUA, 2013); *Works from the Daros Latin America Collection* (Fundación Banco Santander, Madrid, Espanha, 2010); e *In transition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA, 2010) são algumas das mostras coletivas em que apresentou seu trabalho recentemente. Participou também da 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002); da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003); da 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha (2006); da 17ª Bienal da Guatemala (2010); e da Bienal de Cuenca, Equador (2011). Exposições individuais recentes incluem: *Color files* (MOLAA Museum of Latin American Art, Long Beach, EUA, 2013); *Lentissimo* (Vassar College Museum, Nova York, EUA, 2013); *Desinformação funcional — desenhos em português* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2012); e *From Huguenot to microwave* (Dorsky Museum, Nova York, EUA, 2011). Seus trabalhos integram acervos como: MoMA, Nova York, EUA; Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; Museum of Fine Arts, Boston, EUA; Fine Arts Museum of San Francisco, San Francisco, EUA; e Daros Foundation, Zurique, Suíça; entre outros.

The presence of paper and the intimate character are two constants in the work of Marco Maggi, even in his large installations. Ever since he established his career, in the 1990s, Maggi has wittily and delicately encouraged his audience to slow down their pace, and watch, pay attention, and delve deeper into his works, the life that surrounds them, and the society in which they live.

In his series *The Ted Turner Collection — from CNN to the DNA*, Maggi shows his acute critical sense by using reproductions of pieces by artists of the likes of Gerhard Richter, Andy Warhol, and Hélio Oiticica to comment on the mediatized condition of contemporary life. Heaps of white paper cover reproductions, slashed with precision to create reliefs and gaps that reveal traces of tones from the reproductions hidden underneath, forming a big white landscape spiked with small slits of color. His installations maintain the use of paper. However, from a distance, the numerous heaps do not show their nature; one must come closer, become somewhat acquainted with the works and dedicate some time to finding out what they reveal.

Marco Maggi was born in 1957 in Montevideo, Uruguay. He lives and works in New York and Montevideo. Recent solo shows include *Flow, just flow* (Joel and Lila Harnett Museum of Art, Richmond, USA, 2013); *MoCA's permanent collection: selection of recent acquisitions* (Museum of Contemporary Art, Los Angeles, USA, 2013); *Works from the Daros Latin America Collection* (Fundación Banco Santander, Madrid, Spain, 2010); and *In transition* (Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, USA, 2010). He also featured in the 25th São Paulo Biennial, Brazil (2002); the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003); the 29th Pontevedra Biennial, in Spain (2006); the 17th Guatemala Biennial (2010); and the Cuenca Biennial, in Ecuador (2011). Recent solo shows include: *Color files* (MOLAA Museum of Latin American Art, Long Beach, USA, 2013); *Lentissimo* (Vassar College Museum, New York, USA, 2013); *Desinformação funcional — desenhos em português* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2012); and *From Huguenot to microwave* (Dorsky Museum, New York, USA, 2011). His works are included in the collections of MoMA, New York, USA; Whitney Museum of American Art, New York, USA; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; Museum of Fine Arts, Boston, USA; Fine Arts Museum of San Francisco, San Francisco, USA; and Daros Foundation, Zurich, Switzerland; among others.



Marcos Chaves
Gávea 2013
impressão fotográfica, metacrilato/
photographic print, dia-sec ed 1/3 + 2 PA
133 x 188 cm



Marcos Chaves
Nós 2008 / 2014
impressão digital, montagem em metacrilato/
digital print, mountin on dia sec ed 2/3 + 2PA
80 x 60 cm cada/each (80 x 180 cm)



Marcos Chaves iniciou sua atividade artística na primeira metade dos anos 1980. Trabalhando sobre os parâmetros do pastiche e da intervenção, sua obra é caracterizada pela utilização de diversas mídias, transitando livremente entre a produção de objetos, fotografias, vídeos, desenhos, palavras e sons. É frequente o registro de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que reproduzem de maneira direta, ou via pequenas intervenções, o extraordinário que o artista evidencia habitar o prosaico do dia a dia, como nas séries *Buracos* (1996–2008) e *Retratos* (2009).

Entre as apropriações fotográficas do artista, destaca-se a imagem de cartão postal do Rio de Janeiro com a expressão: “Eu só vendo a vista”. Com intervenções gramaticais sutis, a frase, dentro do seu contexto, está aberta a várias interpretações. Desde “eu, sozinho, vendo a vista”, “eu vendo apenas a vista”, “eu vendo apenas à vista” ou até “apenas a vista está à venda”. Assim, o artista transforma o onipresente e idealizado cartão postal no campo minado do autoexame nacional.

Marcos Chaves nasceu em 1961, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. *Narciso* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *I only have eyes for you* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); *Frequências* (Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brasil, 2009); e *Laughing mask* (Butcher’s, Londres, Inglaterra, 2008) são algumas de suas mostras individuais recentes. Participou das 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1997 e 2005), e da 25ª Bienal de São Paulo (2002), todas no Brasil; da 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013), e da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011), entre outras. Exposições coletivas recentes de que participou incluem: *Bordallianos no Brasil* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brasil, 2013); *Agenda Santiago* (Centro de Arte Caja de Burgos, Burgos, Espanha, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Gigante por la propia naturaleza* (Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valência, Espanha, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); e *After utopia* (Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2009).

Marcos Chaves began his artistic career in the early 1980s. Working within the field of pastiche and intervention, his oeuvre is characterized by the use of diverse medias, openly moving between the production of objects, photographs, videos, drawings, words and sounds. Appropriating small elements or scenes from everyday life, Marcos Chaves attempts to document, directly or via small alterations, the extraordinary that inhabits the prosaic in daily life, as in the *Buracos* (1996–2008) and *Retratos* (2009) series.

Noted among the artist’s photographic appropriations is the postcard image of Rio de Janeiro with the expression “Eu só vendo a vista.” With subtle grammatical interventions, the phrase, within this context, is open to many interpretations. From, “I, alone, see the view,” “I only sell the view,” “I only sell for cash” to even, “only the view is for sale,” the artist transforms the ubiquitous, idealizing postcard into a minefield of Brazilian self-examination.

Marcos Chaves was born in 1961 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Recent solo shows include: *Narciso* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *I only have eyes for you* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); *Frequências* (Museu da Imagem e do Som, São Paulo, Brazil, 2009); and *Laughing mask* (Butcher’s, London, England, 2008). He featured in the 1st and 5th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre (1997 and 2005), and the 25th São Paulo Biennial (2002), all in Brazil; the 17th Cerveira Biennale, in Portugal (2013), and the 54th Venice Biennale, in Italy (2011), among others. Recent group shows include: *Bordallianos no Brasil* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Coleção Itaú de fotografia brasileira* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013; Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brazil, 2013); *Bola na rede* (Funarte, Brasília, Brazil, 2013); *Agenda Santiago* (Centro de Arte Caja de Burgos, Burgos, Spain, 2013); *Travessias 2* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Rio de imagens* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Espelho refletido* (Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Gigante por la propia naturaleza* (Instituto Valenciano de Arte Moderno, Valencia, Spain, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2010); and *After utopia* (Pecci Center for Contemporary Art, Prato, Italy, 2009).



Raul Mourão
sem título/untitled 2013
aço corten/weathering steel
120 x 60 x 50 cm



Inspirado pela paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro, Raul Mourão combina fragmentos de construção urbana com formas abstratas para criar suas esculturas móveis, desenhos, vídeos e performances. Usando como ponto de partida desenhos meticulosos, aparentemente arquitetônicos, ele cria esculturas e montagens abstratas e minimalistas que enfatizam a tensão entre o caos bruto da cidade e sua geometria controlada, incorporando, na sua biblioteca de referências, cercas de metal, sistemas de segurança e objetos remanescentes de carrinhos e bancas de mercado.

Desde 2010, o artista trabalha com esculturas cinéticas compostas por formas geométricas simples e reduções estruturais de formas modulares. Em muitos aspectos, sua nova produção combina a violência implícita dos seus trabalhos anteriores com uma preocupação formalista com o equilíbrio das formas.

Raul Mourão nasceu em 1967, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Entre as mostras coletivas de que participou nos últimos anos estão: *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Cinéticos e construtivos* (Carbono Galeria, São Paulo, Brasil, 2013); *From the margin to the edge* (Somerset House, Londres, Inglaterra, 2012); *Studio X* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Travessias* (Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); e *Arquivo contemporâneo* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2009). Recentemente realizou exposições individuais como: *MOTO* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); *Tração animal* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012); *Toque devagar* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Chão, parede e gente* (Lurixs Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brasil, 2011); *Mecânico* (3 + 1 Arte Contemporânea, Lisboa, Portugal, 2007); e *Luladepelúcia e outras coisas* (Galeria Oeste, São Paulo, Brasil, 2006).

Inspired by his urban surroundings of the city of Rio de Janeiro, Raul Mourão combines fragments of urban construction and abstract forms in his mobile sculptures, drawings, videos, and performances. Using meticulous, seemingly architectural drawings as his starting point, he creates minimalist abstract sculptures and assemblages that focus on the tension between the raw chaos of the city and its controlled geometry, incorporating in his reference library, metal railings, security systems, fences, and objects reminiscent of trolleys and stalls.

Since 2010, the artist has been working on kinetic sculptures ruled by simple geometric forms and structural reduction made of modular forms. In many ways, his new production combines the violence implicit in his previous works with a formalist preoccupation with the balance of forms.

Raul Mourão was born in 1967 in Rio de Janeiro, where he lives and works. In the last few years, he participated in group shows such as: *O abrigo e o terreno* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Cinéticos e construtivos* (Carbono Galeria, São Paulo, Brazil, 2013); *From the margin to the edge* (Somerset House, London, England, 2012); *Studio X* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Projeto travessias* (Complexo da Maré, Rio de Janeiro, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2010); and *Arquivo contemporâneo* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil, 2009). Recent solo shows include: *MOTO* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); *Tração animal* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012); *Toque devagar* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Chão, parede e gente* (Lurixs Arte Contemporânea, Rio de Janeiro, Brazil, 2011); *Mecânico* (3 + 1 Arte Contemporânea, Lisbon, Portugal, 2007); and *Luladepelúcia e outras coisas* (Galeria Oeste, São Paulo, Brazil, 2006).



Rodolpho Parigi
Fancy violence # 4 2014
óleo sobre poliéster/
oil on polyester
150 x 150 cm



Rodolfo Parigi
Artéria epigástrica Picasso,
Proeminência tireóidea Degas, Atlas 2012
colagem sobre papel/collage on paper
80 x 60 cm cada

Três momentos específicos mapeiam a produção de Rodolpho Parigi. Pinturas que tinham a geometria e a cor como base para criar um explosão e fragmentação da pintura. Desenhos de anatomia inventada misturando realidade e ficção na construção da imagem. E ambientações para as performances que combinam teoria queer com a construção da história da arte. Essas correntes, embora díspares, emergem de um impulso similar: um interesse profundo e uma fascinação pelo excesso do corpo, por suas representações anatômicas e pela imaginação pornográfica que o corpo instiga e multiplica no inconsciente coletivo.

O corpo, na obra do artista, não é reproduzido precisamente, mas engolido e regurgitado como algo "corporal", existindo verdadeiramente apenas na dimensão e nas limitações da superfície das suas escolhas. Trata-se de um campo de proposição para ativação do corpo. É esse o caso de seu alter ego Fancy Violence, onde a performance aparece como elemento central em sua produção atual, lidando com o corpo em um espaço criado no qual abriga e dialoga com suas apresentações.

Rodolpho Parigi nasceu em 1977, em São Paulo, onde vive e produz. Exposições coletivas recentes incluem: *Medos Modernos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2014); *Artistas em residência* (Red Bull Station, São Paulo, Brasil, 2014); *Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo* (Casa Modernista, São Paulo, Brasil, 2013); *O exercício da arte – FAAP, seus professores e alunos no acervo* (Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil, 2013); *1911-2011: arte brasileira e depois – Coleção Itaú* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil, 2012); *Works on paper* (Rabbitthole Space, Nova Iorque, EUA, 2011); *Spinnerei walkabout* (Leipzig, Alemanha, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); e *Novas aquisições* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2010). Sua principais mostras solo recentes são: *Febre* (Pivô, São Paulo, Brasil, 2013); *Projeto de Ocupação A Pipa* (Praça Victor Civita, São Paulo, Brasil, 2013); *Atraque* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); *Concrete blonde* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2009); e *Programa de Exposições Individuais Simultâneas* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, 2006). Suas obras fazem parte de coleções como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; e Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, entre outras.

Three specific moments map the production of Rodolpho Parigi. Paintings that possessed the explosive surfaces of abstract forms. Large anatomy drawings of invented anatomy, mixing reality and fiction in the construction of the image. And ambiances for the performances that cross queer and identity theory with the construction of the history of art. These currents, albeit disparate, arise from a similar pulse: the artist's profound interest and fascination with the excess of the body, its anatomical renderings, and the pornographic imagination the latter instigates and proliferates within the collective unconscious.

In the works of the artist, the body is not reproduced precisely, rather, it is engulfed and regurgitated back into something akin to what is "bodily" – an entity that only truly exists in the dimension and limitations of his surface of choice. It concerns, in specific, a propositional field for the activation of the body. Such is the case of his alter ego Fancy Violence. With "Fancy" performance emerges as a central element in his current production where the body is dealt within a constructed ambience, appropriate and appropriating space for her seductive/surreptitious apparitions.

Rodolpho Parigi was born in 1977 in São Paulo, where he lives and works. Recent group shows include: *Medos Modernos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2014); *Artistas em residência* (Red Bull Station, São Paulo, Brazil, 2014); *Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo* (Casa Modernista, São Paulo, Brazil, 2013); *O exercício da arte – FAAP, seus professores e alunos no acervo* (Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brazil, 2013); *1911-2011: arte brasileira e depois – Coleção Itaú* (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil, 2012); *Works on paper* (Rabbitthole Space, New York, USA, 2011); *Spinnerei walkabout* (Leipzig, Germany, 2011); *Os primeiros dez anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); e *Novas aquisições* (Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2010). Recent solo shows include: *Febre* (Pivô, São Paulo, Brazil, 2013); *Projeto de Ocupação A Pipa* (Praça Victor Civita, São Paulo, Brazil, 2013); *Atraque* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); *Concrete blonde* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2009); e *Programa de Exposições Individuais Simultâneas* (Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, 2006). His works are included in the collections of: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; and Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, among others.



Sergio Sister
Caixa # 226 2013
óleo sobre madeira/oil on wood
38 x 24,5 x 8,5 cm



Como representante da Geração 80, Sérgio Sister revisita um tema antigo na pintura: a interação entre superfície e tridimensionalidade em uma tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marca a sua produção é uma sobreposição de camadas cromáticas, fazendo com que diferentes campos de cor coexistam em harmonia, lado ao lado, conservando, ao mesmo tempo, sua autonomia.

Em 2009, o artista começou a criar *Caixas* (2009-), uma série de pinturas em caixotes de madeira semelhantes a caixas de frutas encontradas em feiras. Medindo 38 x 32 cm, com faixas de vários tamanhos, elas sintetizam as motivações do artista: luminosidade, função e afeto. *Caixas*, gradualmente, deu espaço para outros trabalhos, como *Ripas* (2009-) e *Pontaletes* (2010-) e, mais recentemente, *Tijolinhos* (2013-). Penduradas nas paredes da galeria, as obras de Sister parecem pertencer a algo deste mundo, mas ao mesmo tempo fora dele, como pequenos gestos poéticos: uma evidência artística de que o mundo, quando examinado cuidadosamente, esconde uma felicidade simples.

Sérgio Sister nasceu em 1948, em São Paulo, onde reside e trabalha. Participou das 9ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1967, 2002). *Charles-Henri Monvert, Sérgio Sister: a cor reunida* (Galerie Emmanuel Hervé, Paris, França, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2010); *Obra menor* (Ateliê 397, São Paulo, Brasil, 2009); e *Ao mesmo tempo o nosso tempo* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2006) são algumas das mostras coletivas de que participou há pouco. Entre suas exposições individuais recentes estão: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brasil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); e *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Suas obras fazem parte de acervos como os do Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; e Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil.

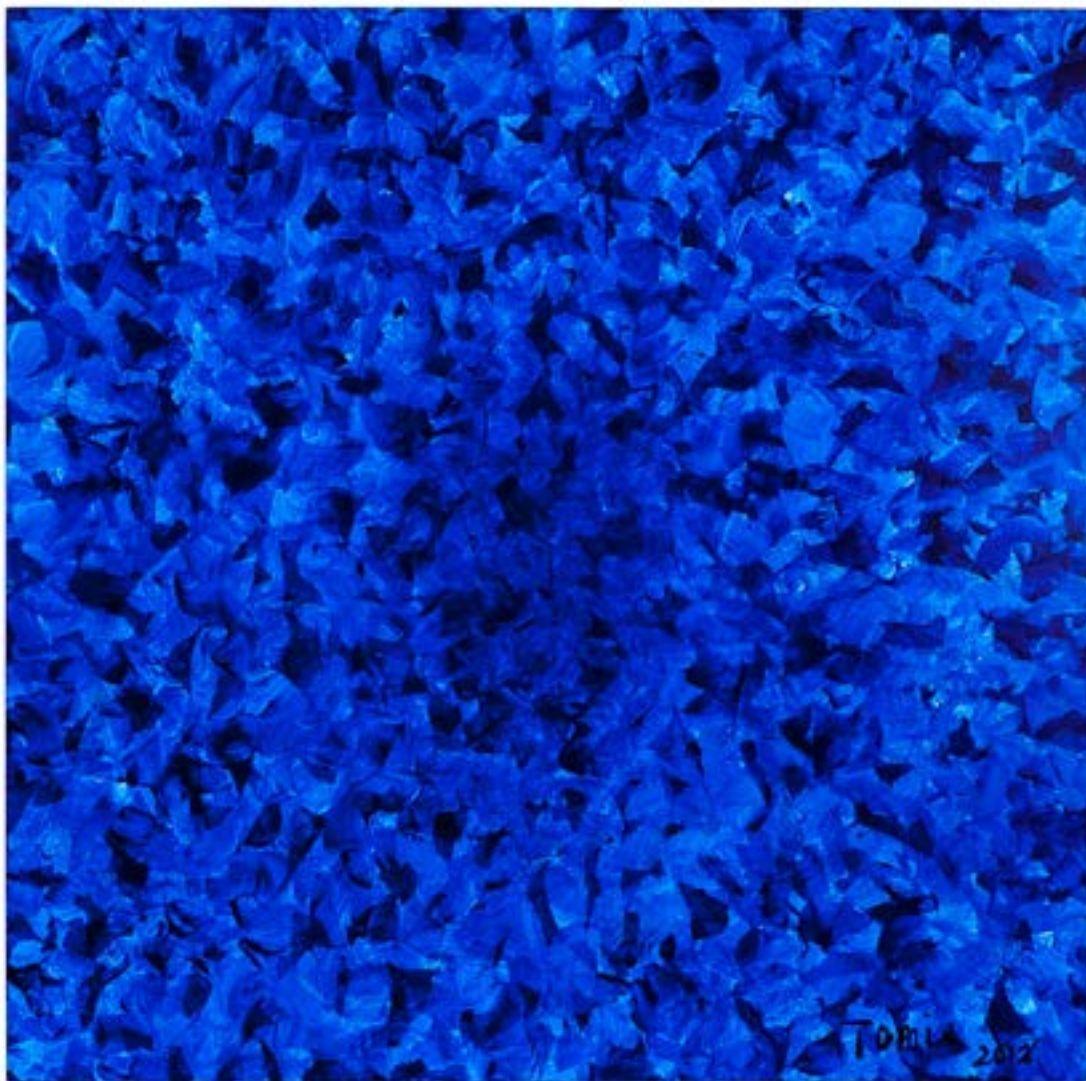
Representative of the *Geração 80*, Sérgio Sister revisits an ancient theme in painting: the interplay between surface and three-dimensionality, in an attempt to liberate painting in space. What marks his production is a superimposition of chromatic layers, causing distinct fields of colors to coexist harmoniously side by side while preserving its autonomy.

In 2009, the artist started making *Caixas* (2009-), paintings on wooden crates akin to fruit boxes found in open markets. Measuring 38 x 32 cm, with bands of various widths, they carry a synthesis of the artist's preoccupation: luminosity, feature, and affection. *Caixas* gradually gave way to other works such as *Ripas* (2009-), the larger *Pontaletes* (2010-), and most recently, *Tijolinhos* (2013-). Hung on the gallery wall space, they seem to belong to something that can be found in this world but simultaneously removed from it, acting like small poetic gestures; an artistic proof that the world, when carefully scrutinized hides a simple happiness.

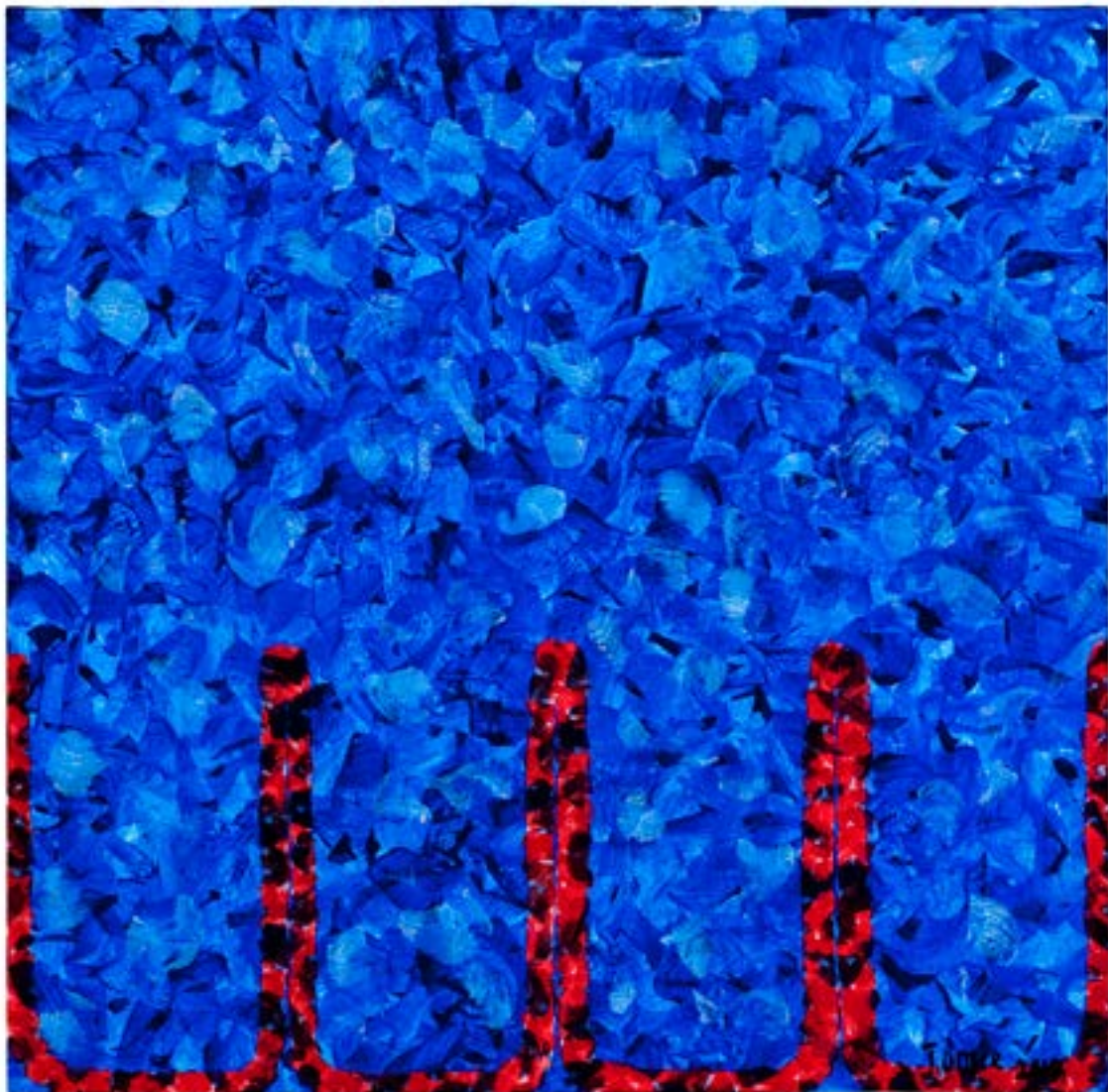
Sérgio Sister was born in 1948, in São Paulo, where he lives and works. He featured in the 9th and 25th editions of the São Paulo Biennial, Brazil (1967, 2002). Recent group shows include: *Charles- Henri Monvert, Sérgio Sister: a cor reunida* (Galerie Emmanuel Hervé, Paris, France, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *O colecionador de sonhos* (Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil, 2011); *Ponto de equilíbrio* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2010); *Obra menor* (Ateliê 397, São Paulo, Brazil, 2009); and *Ao mesmo tempo o nosso tempo* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2006). Recent solo shows include: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brazil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); and *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; and Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil.



Tomie Ohtake
sem título/untitled 2012
acrílica sobre tela/acrylic on canvas
175 x 175 cm



Tomie Ohtake
sem título/untitled 2012
acrílica sobre tela/acrylic on canvas
100 x 100 cm



Tomie Ohtake
sem título/untitled 2012
acrílica sobre tela/acrylic on canvas
100 x 100 cm

Uma aparentemente paradoxal relação entre silêncio e ritmo permeia os trabalhos de Tomie Ohtake desde a década de 1960, quando a artista se firma na arte abstrata, notadamente pinturas e esculturas, além de trabalhos sobre papel. Poucos elementos habitam as planícies de suas obras, muito concisas e de metódica fluidez, imagens que flertam com as formas sinuosas e sensuais da tradição japonesa.

A pesquisa constante de cor, textura, forma e transparência revela-se em todas as suas fases de produção e nos diversos expedientes técnicos adotados — da tinta rarefeita à mais volumosa, da paleta sóbria aos contrapontos de cores saturadas e vibrantes. Nota-se, alternada ou simultaneamente, a influência do suprematismo, da abstração caligráfica, do anamórfico — facetas que não negam que Tomie mantém relações com a tradição, mas que desenham um trajeto original de criações atemporais e sensíveis, fluidas. Suas esculturas levam ao campo tridimensional as mesmas questões que a artista confronta em duas dimensões — surgem como manifestos de caligrafias táteis, traços de dança plasmados no espaço, nos quais forma e cor têm importância. Uma peculiar comunicação do indecifrável revela a contemporaneidade de seu trabalho — ele contém algo de inefável, mas produz uma imediata sensação de cumplicidade visual e sinestésica.

Japonesa de Kyoto, Tomie Ohtake nasceu em 1913, e hoje vive e trabalha em São Paulo. Participou de inúmeras bienais, como a Bienal de São Paulo, Brasil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998 e 2003); XI Bienal de Veneza, Itália (1972); 1ª e 2ª edições da Bienal Latino-Americana em Havana, Cuba (1984, 1986), entre outras. Entre suas exposições coletivas recentes estão: *Vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *FUSION: tracing Asian migration to the Americas through AMA's Collection* (Art Museum of the Americas, Washington, EUA, 2013); *Mulheres* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil, 2012); e *Um século de arte brasileira, Coleção Gilberto Chateaubriand* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil, 2006). Suas mais recentes exposições individuais são: *Um fluxo das formas* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2013); *Pintura e pureza* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); e *Pinturas cegas* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brasil, 2012; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011).

A seemingly paradoxical relationship between silence and rhythm has permeated the works of Tomie Ohtake since the 1960s, when the artist became established in abstract art, notably paintings, sculptures, and works on paper. A few elements inhabit the spaces of her artwork, very concise and endowed with a methodical fluidity, images that flirt with the winding, sensual shapes of Japanese tradition.

A constant research into color, texture, form, and transparency is revealed in all stages of her production and the various procedures she uses—from thin to thicker paint, from a sober palette to counterpoints of saturated, vibrant colors. One notes either alternating or simultaneous influences of suprematism, calligraphic abstraction, the anamorphic—facets which do not deny Ohtake's relations with tradition, while also outlining an original trajectory of timeless, sensitive, fluid creations. Her sculptures bring into the three-dimensional field the very issues she confronts in two dimensions—they emerge as manifestos of tactile calligraphies, dance moves turned to plasma into space, in which shape and color are important. A peculiar communication of the undecipherable reveals the contemporary character of her work—it contains something ineffable, while giving off an immediate sensation of visual and synesthetic complicity.

Born in Kyoto, Japan, in 1913, Tomie Ohtake lives and works in São Paulo. She has featured in several biennials, such as the São Paulo Biennial, Brazil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998, and 2003); XI Venice Biennale, Italy (1972); 1st and 2nd editions of the Latin American Biennial in Havana, Cuba (1984, 1986), among others. Recent group shows include: *Vontade construtiva* (Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Correspondências* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *FUSION: tracing Asian migration to the Americas through AMA's Collection* (Art Museum of the Americas, Washington, USA, 2013); *Mulheres* (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brazil, 2012); and *Um século de arte brasileira, Coleção Gilberto Chateaubriand* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil, 2006). Recent solo shows include: *Um fluxo das formas* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2013); *Pintura e pureza* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); and *Pinturas cegas* (Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, Brazil, 2012; Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011).

Vik Muniz
Pictures of Magazine 2: View of Toledo,
after El Greco 2013
c-print digital/digital c print ed 2/6
200 x 180 cm





Vik Muniz -- Pictures of Magazine 2: Orchid and Three Brazilian Hummingbirds, after Martin Johnson Heade 2014 -- c print digital/digital c print -- ed. 2/6 --100 x 135 cm



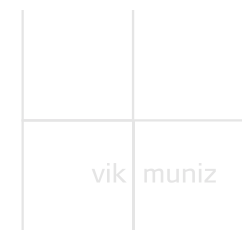
Vik Muniz -- Pictures of Magazine 2: Wing of a Blue Roller, after Albrecht Dürer 2013 -- c print digital/digital c print -- ed. 1/6 -- 100 x 105 cm -- detalhe/detail

Vik Muniz
Pictures of Magazine 2:
Seated Black Woman 2013
c-print digital/digital c print ed 4/6
230 x 180 cm



Vik Muniz
Pictures of Diamonds: Louise Brookes 2005
c-print digital/digital c print
ed AP 3/5 -- 90 x 76 cm





Vik Muniz nasceu em 1961, em São Paulo, Brasil. Ele mora e trabalha em Nova York e Rio de Janeiro. Individuais recentes incluem: *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, EUA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Outras exposições individuais de Vik Muniz nos últimos anos foram: *Vik Muniz*, na House of Photography, *Pictures of People*, no Baltic Centre for Contemporary Art, Reino Unido; *Vik Muniz*, no Irish Museum of Contemporary Art, em Dublin; *Vik Muniz*, no Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, Espanha; *Vik Muniz*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Suas principais exposições individuais nos EUA foram: *The Things Themselves: Pictures of Dirt*, no Whitney Museum of American Art, em Nova York; *Vik Muniz*, no Tang Teaching Museum and Art Gallery, em Nova York; *Clayton Days*, no Frick Art & Historical Center, em Pittsburgh; e *Ver é Crer*, no International Center of Photography, em Nova York.

Em dezembro de 2008, Vik foi o artista convidado da série de exposições *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*, do MoMA de Nova York. Além disto, Vik foi artista convidado da 49ª Bienal de Veneza, da 2000 Biennial Exhibition no Whitney Museum of American Art, da XXIV Bienal Internacional de São Paulo e da 46ª Exposição Bienal Media/Metaphor, na Corcoran Gallery of Art em Washington, EUA. Sua obra está representada nas coleções de grandes museus internacionais que incluem: The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA; Museum of Contemporary Art of Los Angeles, Los Angeles, EUA; J. Paul Getty Museum, Nova York, EUA; Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA; MoMA, Nova York, EUA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; e Victoria and Albert Museum, Londres, Inglaterra; entre outros. Além de fazer arte, Vik está envolvido em projetos sociais que usam a criação artística como força transformadora. Um desses projetos é apresentado em "Waste Land", documentário realizado em 2010 sobre o trabalho de Vik com catadores de lixo brasileiros. O filme foi indicado ao Oscar e ganhou o prêmio de Melhor Filme no Festival de Sundance, entre outros prêmios. Em 2011, Muniz foi nomeado Good Will Ambassador pela UNESCO.

Vik Muniz was born in 1961, in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York and Rio de Janeiro. Recent solo exhibitions include: *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, USA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Other international solo exhibitions in recent years are: *Vik Muniz* at the House of Photography, *Pictures of People*, at the Baltic Centre for Contemporary Art in the UK; *Vik Muniz*, at the Irish Museum of Contemporary Art in Dublin; *Vik Muniz* at the Centro Galego de Arte Contemporânea in Santiago de Compostela, Spain; *Vik Muniz* at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, in Rio de Janeiro and the Museu de Arte Moderna de São Paulo. In the USA major solo exhibitions include: *The Things Themselves: Pictures of Dirt* at the Whitney Museum of American Art in New York; *Vik Muniz* at the Tang Teaching Museum and Art Gallery in New York; *Clayton Days* at The Frick Art & Historical Center in Pittsburgh and *Seeing is Believing* at the International Center of Photography in New York.

In December 2008 Vik was the guest artist in the MoMA exhibition series *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*. Vik was also a guest artist at the 49th Venice Biennial, the 2000 Biennial Exhibition at the Whitney Museum of American Art, the XXIV Bienal Internacional de São Paulo and The 46th Corcoran Biennial Exhibition, Media/Metaphor at The Corcoran Gallery of Art in Washington, D.C. His work is included in the collections of major international museums such as: the Art Institute of Chicago, Chicago, USA; Los Angeles Museum of Contemporary Art, Los Angeles, USA; The J. Paul Getty Museum, New York, USA; the Metropolitan Museum of Art, New York, USA; MoMA, New York, USA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; and the Victoria and Albert Museum, London, UK; among many others. Besides making art, Vik is involved in social projects that use art making as a force for change. One of these projects can be seen in "Waste Land," a 2010 documentary about his work with Brazilian garbage pickers, which was nominated for the Oscar, won the Sundance Audience Award for Best Film, among other prizes. In 2011 Vik was nominated Good Will Ambassador by UNESCO.

